

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Édem Alexandre da Silva**

**A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS EM ESPAÇOS  
EDUCACIONAIS – contribuições da Biologia do  
amor e da Biologia do conhecimento  
de Humberto Maturana**

**Santa Maria, RS  
2021**



**A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS EM ESPAÇOS  
EDUCACIONAIS – contribuições da Biologia do amor  
e da Biologia do conhecimento  
de Humberto Maturana**

**Édem Alexandre da Silva**

Dissertação apresentada à banca examinadora e ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação.**

**Orientador: Prof. Dr. Valdo Barcelos**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2021**

SILVA, EDEM ALEXANDRE  
A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS EM ESPAÇOS EDUCACIONAIS –  
contribuições da Biologia do amor e da Biologia do conhecimento de  
Humberto Maturana / EDEM ALEXANDRESILVA.- 2021.  
77 p.; 30 cm

Orientador: Valdo Hermes de Lima Barcelos  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de  
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2021

1. Educação 2. Mediação de conflitos 3. Biologia do amor 4. Biologia  
do conhecimento I. de Lima Barcelos  
, Valdo Hermes II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a).  
Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária  
responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro EDEM ALEXANDRE SILVA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

---

© 2021

Todos os direitos autorais reservados A EDEM ALEXANDRE DA SILVA. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: [edemalexandres@gmail.com](mailto:edemalexandres@gmail.com)

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa 1: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação**.

**A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS EM ESPAÇOS EDUCACIONAIS –  
contribuições da Biologia do amor  
e da Biologia do conhecimento  
de Humberto Maturana**

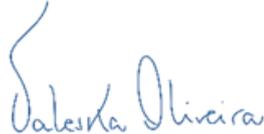
elaborada por  
**Édem Alexandre da Silva**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Educação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**



**Valdo Barcelos, Prof. Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)



**Valeska Maria Fortes de Oliveira, Profa. Dra. (UFSM)**



**Sandra Maders, Profa. Dra. (UNIPAMPA)**

Santa Maria, 18 de outubro de 2021.



## DEDICATÓRIA

Dedico aos pais:

**HELIO FARIAS DA SILVA**

e **ELENA TEREZINHA SILVA DA SILVA** (*in memoriam*).

Dedico às professoras Olinda Barcelos e Angelise Fagundes da Silva, que tanto me incentivaram e acreditaram.

À esposa

**Mara Siqueira da Silva**

É um orgulho ter vivido esses 32 anos ao teu lado e tanto mais que estão por vir. Você tem acompanhado minha existência, assim como minha filha Isabelle.

À filha

**Isabelle**, filha amada...

Se eu pudesse deixar algum presente a você, deixaria aceso o sentimento de amar a vida dos seres humanos. A consciência de aprender tudo o que foi ensinado pelo tempo a fora. Lembraria os erros que foram cometidos para que não mais se repetissem. A capacidade de escolher novos rumos. Deixaria para você, se pudesse, o respeito aquilo que é indispensável. Além do pão, o trabalho. Além do trabalho, a ação. E, quando tudo mais faltasse, um segredo: o de buscar no interior de si mesmo a resposta e a força para encontrar a saída.

Mahatma Gandhi



## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Valdo Barcelos, pelo incentivo dado a cada orientação, me fazendo crer que o caminho a trilhar era possível, pelos desafios lançados, pela maneira gentil e generosa que acompanhou meu percurso, pelo profissionalismo, pela paciência e compreensão dos meus limites, dificuldades e incertezas.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras, pela oportunidade;

Aos professores Angelise Fagundes da Silva e Carlos Giovani Delevati Pasini. Vocês me incentivaram, acompanharam e mostraram o caminho. Hoje, compreendo a busca incansável em atingir o desconhecido. Hoje sei que o caminho é o principal. A experiência de vida e a visão do mundo, sendo que esta se aprimora a cada leitura e aprendizado, oportunizado por seus ensinamentos e por suas posturas frente às pessoas, não importando elas quem sejam nem de onde vieram.

Hoje, ao concluir uma etapa, percebo que sei de onde vim e onde estou. Os ensinamentos com amorosidade e a biologia de ser de cada pessoa em vocês.

Agradeço também aos demais amigos-irmãos do grupo Kitanda (Santa Maria), em especial, ao Rafael Friedrich, ao Elvio de Carvalho, Cleni Inês da Rosa e à Sandra Maders, sábias pessoas que se mostraram incansáveis quando o assunto era um auxílio ao novo marinheiro no mar do conhecimento.

Agradeço aos familiares e amigos pela compreensão em minhas ausências.

Agradeço à **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**, especialmente ao **CENTRO DE EDUCAÇÃO** e ao **Programa de Pós-Graduação em Educação** por terem contribuído para a minha formação.

Agradeço a todos que de uma forma ou de outra, contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho e a conclusão de uma fase na Educação.

Em especial minha gratidão ao Professor Humberto R. Maturana (*in memoriam*), que ascendeu ao plano superior em 6 de maio de 2021. Por toda aprendizagem com o conhecimento pela Biologia do Amor e da Amorosidade existente no trabalho de inspiração.



Viver é conhecer. Conhecer é viver  
(MATURANA; VARELA, 2001).



## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS EM ESPAÇOS EDUCACIONAIS – contribuições da Biologia do amor e da Biologia do conhecimento de Humberto Maturana**

**AUTOR:** Édem Alexandre da Silva

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Valdo Barcelos

Local e data da defesa: Santa Maria, 18 de outubro de 2021.

Este trabalho de Dissertação de Mestrado está ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa: Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional – LP1 (PPGE-UFSM). O estudo tem como tema a pesquisa sobre a ação de mediar conflitos educacionais: linhas convergentes entre a mediação de conflitos e a educação intercultural, levando em conta a possibilidade de o professor agir na mediação de tais conflitos, tendo como teoria base a interculturalidade. Portanto, o problema da pesquisa gira em torno de: em que medida o docente pode atuar como mediador de conflitos, utilizando os pressupostos da interculturalidade e da sua influência para a construção de uma educação mais pacificadora? Assim, a pesquisa teve como ênfase o professor como um possível mediador no contexto escolar, pautado no diálogo e na amorosidade de Humberto Maturana. O estudo tem como objetivo apresentar a mediação e suas possibilidades, tendo o intento de, pelo diálogo acadêmico e de suas análises, contribuir para as novas imagens docentes e à formação contínua de professores(as), com foco na educação do século XXI. Tal estudo é relevante, pois oportuniza aos professores de todos os níveis do ensino atual, a reflexão de que o “professor” é mais do que um facilitador e orientador da educação. Ele pode servir como mediador de conflitos entre os alunos e do conflito íntimo do aluno consigo mesmo ou com a comunidade escolar. O mediar nem sempre é entre duas pessoas, mas sim a própria pessoa consigo mesmo, no seu conflito interno, diante de uma nova realidade que é o ambiente escolar. Mediar um conflito é concentrar esforços na valorização do indivíduo. E mediar um conflito escolar é um ato sublime de condicionar aquele ser humano as experiências da amorosidade, por intermédio da Biologia do Amor de Humberto Maturana. Quando surge um conflito na sala de aula é o momento para refletir, dialogar e mediar. Essas condições e possibilidades são o diferencial na mediação escolar, da relação intercultural do ser. Trata-se, portanto, de uma pesquisa do tipo qualitativa, de cunho bibliográfico e de perspectiva epistemológica que busca contribuir para reflexões para a formação de professores.

**Palavras-chave:** Formação de Professores, Mediação, educação e interculturalidade, mediar conflitos escolares, Biologia do Amor.



## **ABSTRACT**

Masters' dissertation  
Graduate Program in Education  
Universidade Federal de Santa Maria

### **THE MEDIATION OF CONFLICTS IN EDUCATIONAL SPACES – contributions from the Biology of Love and the Biology of Knowledge by Humberto Maturana**

**AUTHOR:** Édem Alexandre da Silva

**SUPERVISOR:** Prof. Dr. Valdo Barcelos

Place and date of defense: Santa Maria, 18 of October de 2021.

This Master's Thesis work is linked to the Postgraduate Program in Education, in the Research Line: Teaching, Knowledge and Professional Development – LP1 (PPGE-UFSM). The study has as its theme the research on the action of mediating educational conflicts: converging lines between the mediation of conflicts and intercultural education, considering the possibility of the teacher to act in the mediation of such conflicts, having intercultural as a base theory. Therefore, the research problem revolves around: to what extent can the teacher act as a mediator of conflicts, using the assumptions of interculturality and its influence to build a more peaceful education? Thus, the research focused on the teacher as a possible mediator in the school context, based on Humberto Maturana's dialogue and love. The study aims to present mediation and its possibilities, with the intention of, through academic dialogue and its analysis, contributing to new teacher images and to the continuing education of teachers, with a focus on education in the 21st century. This study is relevant, as it provides opportunities for teachers at all levels of current education to reflect that the “teacher” is more than a facilitator and guide in education. He can serve as a mediator of conflicts between students and the student's intimate conflict with himself or with the school community. Mediating is not always between two people, but the person with himself, in his internal conflict, facing a new reality that is the school environment. Mediating a conflict is to focus efforts on valuing the individual. And mediating a school conflict is a sublime act of conditioning that human being to the experiences of love, through the Biology of Love by Humberto Maturana. When a conflict arises in the classroom, it is time to reflect, dialogue and mediate. These conditions and possibilities are the differential in school mediation, in the intercultural relationship of being. It is, therefore, a qualitative research, with a bibliographic nature and an epistemological perspective, which seeks to contribute to reflections on teacher education.

**Keywords:** Teacher Education, Mediation, education and interculturality, mediating school conflicts, Biology of Love.



## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

BA – Biologia do Amor

BC – Biologia do Conhecer

CE – Centro de Educação

CIDH – Comissão Interamericana de Direitos Humanos

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EsFAS – Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Sargentos

FADISMA – Faculdade de Direito de Santa Maria

FAPAS – Faculdade Palotina

ONU – Organização das Nações Unidas

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

PROERD – Programa Educacional de Resistência à Violência e as Drogas

UFFS/CL – Universidade Federal da Fronteira Sul – Cerro Largo

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

UNIFRA – Centro Universitário Franciscano

UNILA – Universidade da Integração Latino-Americana



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA</b> .....	20
1.1 QUESTÃO DA PESQUISA.....	25
1.2 OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	25
<b>2. REFERENCIAL METODOLÓGICO</b> .....	27
2.1 ANÁLISE TEMÁTICA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA .....	29
2.2 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA.....	30
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	32
3.1 MEDIAÇÃO DE CONFLITOS – MEDIAR E EDUCAR .....	32
3.2 MEDIAÇÃO ESCOLAR E EDUCACIONAL .....	43
3.3 EDUCAÇÃO, POSSIBILIDADES DA MEDIAÇÃO E DA CONVIVÊNCIA.....	53
3.4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS NOVAS IMAGENS DOCENTES.....	64
<b>4. ANÁLISE DE RESULTADOS</b> .....	67
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	73
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	74



## 1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Uma educação que procura desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como faz com muita frequência a educação em vigor num grande número de países do mundo, educação que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promovê-lo em sua própria linha. (FREIRE, 1980, p.35)

Esta dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), configura-se como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação. Intitulada **A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS EM ESPAÇOS EDUCACIONAIS – contribuições da Biologia do Amor e da Biologia do Conhecimento de Humberto Maturana** foi desenvolvida partindo das conversações estabelecidas na Linha de Pesquisa 1: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional.

Cada trabalho, em sua composição, tem um modo peculiar de descrever as escolhas pessoais do(a) pesquisador(a), marcadas pela sua própria historicidade de vida. Para que possa haver a compreensão das escolhas que fiz, descrevo a minha trajetória em breve apresentação pessoal.

Sou descendente de nativos da região central do estado do RS, com uma família simples, que dividem suas alegrias e tristezas. Filho de uma **professora** de ensino fundamental nas séries iniciais e de um **marceneiro**, digo-me descendente de dois artistas: uma na arte da alfabetização e o outro na da madeira.

Meus pais sempre conduziram minha existência com valores e preceitos pautados na ética e nos bons costumes, mediando os primeiros conflitos deste mundo por meio do diálogo e dos exemplos. Nas conversas fundamentadas em ações, aprendi os valores humanos, a empatia, o respeito e a honestidade. Esses ensinamentos foram a base para as escolhas futuras e para vencer os obstáculos que a caminhada chamada vida iria apresentar.

A dedicação a leitura e aos estudos, na sequência da conclusão do ensino médio, à época chamado de 2º grau, aos 18 anos, preparou-me para o meio profissional, oportunizando na escolha livre e consciente de uma carreira de servir e fazer o bem. Através de um curso de formação na área de segurança pública, pelo que me apaixonei e dediquei 30 anos na carreira, concluída com êxito e com sucesso, hoje rememorando saudades dos amigos, das missões e trabalhos executados com esmero. O que relato se refere ao ano de 1989, com dezoito anos de idade, após um longo período de estudo, realizei um concurso público,

ingressando na Brigada Militar em 01 de fevereiro de 1990, quando teve início a minha carreira de Policial Militar.

Depois de quatro anos de serviço, fui indicado ao Curso de Especialização em Polícia Ostensiva, um curso que trouxe naquela época, novos conhecimentos, ampliando o entendimento de que a atividade policial tinha uma abrangência muito maior do que segurança pública.

No ano de 2000, um novo século, um novo milênio, mudanças e transformações aconteceram e surgiram novas ideias e objetivos a serem alcançados dentro da corporação, dessa vez com projetos executados na educação e orientação de jovens e adultos, os quais fui diretamente envolvido, o que fez aumentar ainda mais o meu amor pela educação.

Além de fazer parte de uma nova forma de ver a vida, na biologia do amor familiar, o meio profissional nos surpreende com novas oportunidades de contribuir, retribuir e ser facilitador de projetos. Dentro dessa parte educacional da Brigada Militar, gerenciei **projetos que fizeram a diferença** na vida de muitas crianças, adolescentes e jovens, bem como de suas famílias e comunidades.

Tive a grata satisfação de fazer parte de um programa de abrangência mundial, que nosso país já fazia parte, denominado **Programa Educacional de Resistência à Violência e às Drogas – PROERD**. Um projeto que abriu a possibilidade de eu trabalhar com crianças nas séries iniciais, na educação em sala de aula, e ainda com os adolescentes e seus familiares, num diálogo colaborativo e atual, de um assunto cercado de preconceitos, mistificado como não condizente para a realidade escolar.

Esses afazeres educativos, dentro da corporação, motivaram-me ainda mais a percorrer a formação acadêmica. Nessa trajetória, ingressei no curso de Direito da Faculdade de Direito de Santa Maria no ano de 2006, onde realizei mais um objetivo de vida. Por consequência, novas possibilidades surgiram de elevar os conhecimentos jurídicos e profissionais, no decorrer de um curso universitário que oportunizou pesquisas em variados temas, tais como: os direitos e deveres do indivíduo em sociedade, ética pessoal e profissional, os direitos e prerrogativas dos operadores do direito. Conclui a faculdade de direito, com êxito, no ano de 2011, após seis anos de curso, sendo graduado Bacharel em Direito.

No mesmo ano de conclusão do curso de Direito, no mês de dezembro de 2011, um dia após terminar as aulas, ingressei na mesma Faculdade de Direito de

Santa Maria, agora como professor das turmas de formação dos guardas municipais de Santa Maria. Pelo conhecimento técnico profissional, ministrei a matéria de Técnicas e Procedimentos, permanecendo até a conclusão do curso no ano de 2012. Essa experiência foi ainda mais enriquecedora, pois havia uma relação prática com a experiência como Policial Militar, professor e a possibilidade de transmitir meus conhecimentos a outros profissionais da área de segurança pública. A atividade desenvolvida tratava das técnicas e procedimentos a serem adotados pelos guardas municipais junto à comunidade da cidade de Santa Maria, os quais deveriam ocorrer de forma amistosa e cordial, mediando a relação social dos munícipes entre si e com o poder público constituído.

No ano de 2013, a busca pelo conhecimento era ainda mais ávida, quando surgiu a oportunidade de cursar uma pós-graduação, momento em que ingressei na Especialização em Direito de Família e Mediação de Conflitos, na Faculdade Palotina de Santa Maria. Tais ensinamentos que qualificaram a condição de **mediador privado**, permitindo a atuação na área, tendo a prática da resolução de conflitos familiares e outros. Durante os trabalhos desenvolvidos na mediação surgiram oportunidades de observar os conflitos escolares e a relação escola, família e sociedade. Todos esses conflitos estão interligados, pois o aluno sai da família e inicia a sua jornada escolar diante do desconhecido, encontrando-se com outras realidades sociais e interculturais.

Os estudos e aprendizado sobre direito de família e mediação de conflitos, ressignificaram muitas coisas na minha vida. Revivo algumas na memória, quando retorno ao ano de 2000, onde o milagre da vida fez-se presente em nossa família, quando recebemos a filha tão esperada e amada, coroando um ano de evolução espiritual, familiar e profissional. Retratei os sentimentos no *bioconto*, fruto de trabalho escrito recente, desenvolvido nas disciplinas ofertadas no curso de Mestrado em Educação da UFSM, conforme segue:

### **Hoje, o ontem e o amanhã**

Um jovem, 18 anos, infância saudável, pais trabalhadores, uma professora de primário, um marceneiro. Na época os livros e um rádio de pilha eram companheiros nas noites frias de leitura e música, um violão e as melodias nativas. Na sua maioridade, ele escolhe um caminho, uma profissão, admirava as formaturas, as canções e a missão de ser policial militar. Segue sua intenção com dedicação e afinco, concurso, curso e formação, objetivo inicial concretizado. Após um período de dez anos fazendo o que gosta, o universo apresenta novos horizontes. O dom da vida se faz presente, e do amor e união, um ser maravilhoso chega para mudar e adoçar o coração. Ser pai. O compromisso, a responsabilidade, tudo está presente. O que mais se expressa é o amor, a amorosidade e carinho. As condições e os objetivos se modificam e evoluem na direção da luz, do aprendizado. Uma preparação para a missão sublime de ser pai, guia e orientador. Novamente o universo apresenta infinitas possibilidades de crescimento profissional, pessoal e familiar. Ser professor, monitor e orientador de crianças e adolescentes. Formar seres humanos livres da violência, através do diálogo, do convívio fraterno, do amor ao ser humano. O que não sabia aquele instrumento, é que seria ferramenta de evolução e descobrimento de um dom, uma condição natural que estava guardada com muito carinho no seu íntimo. Continuou a sua missão funcional, agora com um incentivo pessoal, profissional e social. O jovem de 18 anos, passadas três décadas volta o olhar para o caminho, e sente que está iluminado. O equilíbrio do viver através dos ensinamentos divinos, o estudo do ser, as vivências e experiências fortaleceram e contribuíram para a jornada. Hoje em sua mente, guarda a infância de sua filha, a liberdade e o diálogo que lhe proporcionou, e vê uma jovem mulher que segue sua vida com amor e sabedoria. Encontra ainda os rostos das crianças e jovens que passaram pelo programa educacional que participou, se emociona pelos seres humanos, humanos que se tornaram. São estímulos e incentivo para continuar a crescer e multiplicar esses ensinamentos e vivências. Contribuir incondicionalmente com amor e dedicação. As formas, os meios, e as condições se apresentam espontaneamente, assim como os orientadores e colaboradores. Na biologia do ser, tudo se renova e converge para a luz da amorosidade do ser, com sabedoria e amor, descortinando novos caminhos.

A especialização em direito de família e mediação de conflitos proporcionou, através do meio acadêmico, possibilidades infinitas de contribuir com o outro de forma a reconhecer sua própria realidade. Fazendo o exercício de mediação e, ao mesmo tempo, contribuindo para que o outro que reconheça sua realidade, sua dificuldade e, assim, identificar uma forma saudável de resolução de conflitos. A formação em mediação privada nos capacitou a identificar as diversas formas do conflito, seja familiar, escolar ou social. Ainda as possibilidades de resolução num momento atual em que a justiça, como ente público, tem uma condição excedente de casos encaminhados à justiça e ainda sem decisão, o que deixa a sociedade numa expectativa de solução para suas lides pendentes.

Surge um primeiro questionamento que auxiliará a composição do problema da pesquisa: A instituição escolar pode se constituir em um espaço privilegiado para a construção de uma cultura de mediação, de diálogo, de conversação entre os

profissionais que nelas atuam e os(as) estudantes? Acredito verdadeiramente que sim; e já faz isso. Contudo, como em todo ambiente educativo, sempre poderá melhorar.

## 1.1 QUESTÃO DA PESQUISA

Levando em conta a introdução, se deu início ao estudo e a pesquisa, com a imersão no tema proposto, através da literatura escolhida que relacionou e uniu a possibilidade de resolução de conflitos através da mediação, com a colaboração da biologia do amor através do ser:

Como uma pesquisa sobre o processo de mediação pacífica de conflitos, orientada para a realidade da Escola e de seus conflitos educacionais cotidianos poderá contribuir para a Formação de Professores(as) de maneira geral, e em sua prática docente, no sentido da resolução de conflitos no ambiente educacional escolar?

## 1.2 OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como **Objetivo Geral**, pretende-se contribuir com subsídios teóricos e epistemológicos para a Formação de Professores(as) em geral, utilizando a perspectiva da mediação de conflitos, da educação intercultural e das proposições da *Biologia do amor* e *Biologia do conhecimento* de Humberto Maturana, para compreender a importância do instituto da mediação como alternativa para o tratamento dos conflitos educacionais, no encaminhamento e/ou a resolução de conflitos escolares.

Para atingir esse objetivo geral de pesquisa, propus os seguintes momentos de investigação, considerados como **Objetivos Específicos**:

1. Investigar e refletir criticamente a respeito da mediação pacífica de conflitos, em uma visão geral, atualizando-a para o contexto atual;
2. Investigar e refletir sobre os pressupostos da interculturalidade e da sua influência para as interações pedagógicas contemporâneas, analisando sua contribuição epistemológica para a educação;

3. Investigar e refletir criticamente passagens da obra do pensador Chileno Humberto Maturana, selecionando proposições do autor que venham a contribuir para a ampliação do repertório de conhecimentos no campo da mediação de conflitos em geral e na educação em particular;

4. Examinar as influências desses desdobramentos às novas imagens docentes e à formação contínua de professores(a), com foco na educação do século XXI, numa perspectiva intercultural e de respeito ao cidadão.

## 2. REFERENCIAL METODOLÓGICO

Chega de linha reta.  
 Chega de direção conhecida.  
 Viva o caminho feito e refeito.  
 Salve o a torto e a direito!  
 Que seja o labirinto,  
 O (não) lugar de destino.  
 (MANIFESTO PARANGOLÓGICO, BARCELOS, 2007)

Esta Dissertação teve como objetivo aprofundar as investigações sobre as contribuições teóricas e epistemológicas para a Formação de Professores(as) em geral, a partir dos preceitos da Educação Intercultural, utilizando a perspectiva da mediação de conflitos em espaços educacionais, sob a perspectiva das biologias do Amor e do Conhecimento de Humberto Maturana. Trata-se, portanto, de uma pesquisa do tipo qualitativa, de cunho bibliográfico e de perspectiva epistemológica.

Tal projeção está em acordo com a proposição metodológica de que a pesquisa nas ciências sociais é de caráter eminentemente qualitativo (MINAYO, 2008). Ainda sobre a linha de pesquisa qualitativa e sua abordagem, Minayo (2008, p. 27) nos diz que ela “(...) responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”.

O referencial que orientou o olhar investigativo e reflexivo do investigador (BARCELOS, 2013) no sentido da produção das informações de pesquisa (GAUTHIER, 1998), foi o estabelecimento de reflexões sobre a educação intercultural (CANCLINI 2003, BHABHA 2010, RIBEIRO 2012, BARCELOS 2007, 2013) com a relação intrínseca da mediação de conflitos (BRASIL 1997, MOORE 1998, MORAIS 1999, TARGA 2004, VASCONCELOS 2008) e da Biologia do Amor e do Conhecimento (MATURANA 1996, 1998, 2001; BARCELOS e MADERS 2016), além das representações e imaginários sobre as questões de formação de professores (FREIRE 1980, 1982, 1983, 2001, 2005; MATURANA 1997, 2003, 2008, 2009a-b; BARCELOS 2007, 2009, 2016).

A investigação, na formação de professores(as), caminhou para a aproximação do emocional, pois, segundo Bauer e Gaskell (2014), *não existe quantificação sem qualificação*, pelo que concordo que não há análise estatística sem interpretação humana das informações (BAUER, GASKELL, 2014, p.24).

Portanto, a **qualidade da pesquisa em educação** reside mais no conceito *descritivo* do que no *experimental*. A diferença se inicia mesmo com os verbos *descrever* e *experimental*. O método escolhido – **qualitativo** – se aplica às relações,

representações, crenças, percepções, opiniões, ou seja, pode ser constituído acerca das interpretações que um indivíduo, ou grupo de indivíduos.

A abordagem qualitativa escolhida permite o aprofundamento em processos sociais referentes a segmentos particulares, propiciando a construção de novos enfoques ou da revisão de antigos procedimentos. Caracteriza-se pela empiria alicerçada em bibliografia de referência, favorecendo a compreensão lógica da sistemática interna de um grupo e pela consequente sistematização progressiva do estudo e do conhecimento (MINAYO, 2008).

Toda a pesquisa social empírica seleciona evidência para argumentar e necessita justificar a seleção que é a base da investigação, descrição, demonstração, prova ou refutação de uma afirmação específica. A orientação mais elaborada para selecionar a evidência nas ciências sociais é a “amostragem estatística aleatória” (cf. KISH, 1965). A competência da amostra representativa é inconteste. Em muitas áreas de pesquisa textual e qualitativa, contudo, a amostra representativa não se aplica. Como selecionar pessoas para uma pesquisa com grupos focais? Temos intenção, de fato, de representar uma população através de quatro ou cinco discussões com grupos focais? Infelizmente, até agora não se deu a tal assunto suficiente atenção. **Na prática, os pesquisadores muitas vezes tentam justificar o racional de uma amostragem que parece distorcida, como se fosse a escolha de uma falsa analogia** (BAUER; GASKELL, 2014, p. 39, grifo nosso).

A pesquisa tratou de um trabalho investigativo-qualitativo com **dois momentos**. Cada momento teve uma base teórica e processual, assim distribuídos:

**1º Momento:** conjunto de procedimentos para gerar o corpus teórico da Dissertação, com a realização de *pesquisas bibliográficas* sobre os principais temas em pauta, em materiais publicados e referenciados: Mediação de conflitos, Educação Intercultural, Biologia do Amor e do Conhecimento de Maturana e Formação de Professores(as).

**2º Momento:** conjunto de procedimentos para gerar novas informações e sistematizar as obtidas a partir do corpus. Nesta fase a *pesquisa aprofunda a mediação de conflitos por professores*, além de preocupar-se com a formação de professores(as) propriamente dita.

## 2.1 ANÁLISE TEMÁTICA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA

A análise temática compreende, segundo Minayo (2008), a *pré-análise* (1), *exploração do material* (2), *tratamento dos resultados obtidos* (3) e *interpretação* (4).

A *pré-análise* (1) foi a fase inicial da análise de documentos a partir da retomada das proposições e dos objetivos iniciais da pesquisa. Ela pode ser dividida em *leitura flutuante*, que significa tomar contato direto e intenso com o material de campo (*mediação de conflitos, educação intercultural, Biologia do Amor e Biologia do Conhecimento de Maturana*), deixando-se impregnar pelo seu conteúdo, relacionando as hipóteses iniciais e as emergentes, para deixar a leitura mais sugestiva; e *formulação e reformulação de hipóteses e objetivos*, que se refere à retomada da etapa exploratória e descritiva, tendo como parâmetro a leitura exaustiva do material e as indagações iniciais.

A *exploração do material* (2) correspondeu ao momento em que as informações foram pesquisadas para melhor esclarecimento do texto. A análise temática trabalhou com partes do texto como, por exemplo, uma palavra, uma frase, um tema, depois defini as regras de contagem e em terceiro lugar classifiquei e agreguei as informações. A *constituição de corpus*, que corresponde à distribuição do material de forma que responda às normas de avaliação: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência; nessa fase investigatória, determinei a unidade de registro (palavra-chave ou frase), a unidade de contexto (a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro), os recortes, a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos mais gerais que orientaram a análise.

Por fim, o *tratamento dos resultados obtidos* (3) e *interpretação* (4), que foram os momentos em que analisei as informações brutas, realizando a sua interpretação, relacionando com o quadro teórico desenhado inicialmente ou abrindo novas pistas em torno de novas dimensões teóricas, sugeridas pela pesquisa intensa no material de mediação de conflitos, educação intercultural, Biologia do Amor e do Conhecimento.

A **relevância deste estudo** está na importância do instituto da mediação como alternativa para o tratamento dos conflitos educacionais, por intermédio de mecanismos oriundos da sociedade atual, do acesso à informação e da difusão do trabalho já realizado no município de Santa Maria/RS, uma vez que a produção é de

autoria de um mediador privado, atuante para a Solução de Conflitos e representará a efetivação de um trabalho desenvolvido de sua formação como especialista em mediação.

## 2.2 ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA

O escritor Mário Osório Marques (1997) ensina em "Escrever é Preciso" que o maior desafio da pesquisa é começá-la sendo, também, esse a maior dificuldade da própria escrita.

(...) é só escrevendo que se escreve. Não se trata de preparar-se para o escrever. É ele ato inaugural, começo dos começos. Para engatar a sério uma conversa é preciso, como quem nada quer, puxar por ela sem muita pressa em chegar ao assunto determinado. Para proveitosamente saber o que ler é preciso saber onde o escrever chegou e por onde pretende andar caminhos que se fazem andando. Depois, assunto puxa assunto, conversa puxa conversa, escrever puxa leituras que puxam o reescrever (MARQUES, 1997).

Mário Osório atesta que a ação de escrever nunca será finita, assim como a própria pesquisa, que cresce por emulação de outras investigações. Na verificação de Osório é bom lembrar, ainda, que embora se pesquise temas e forma de hipótese, temos que ter bem clara a nossa intenção do trabalho; "Quem não sabe o que procura, quando encontra não se apercebe." (MARQUES, 1997).

Cada trabalho de pesquisa a universidade tenta fazer parte de uma pergunta, de uma dúvida, de uma inquietação. Pode ser até de uma hipótese. E por falar em hipótese, cabe aqui rememorar os achados de Michel Foucault (1979), o qual defende que **a verdade é uma invenção**. O que existe são discursos que funcionam como verdadeiros, os quais a sociedade aceita como certos. Isso porque, a verdade é regida por relações de poder que estabelecem critérios de validade e legitimidade. Logo, o que essa mesma sociedade acaba nos dando são hipóteses parciais e temporárias do que pode ser verdadeiro ou falso.

Esse trabalho de pesquisa bibliográfica, que parte do princípio de que todo trabalho científico faz parte de um *caminhar coletivo*, teve início na minha observação e descrição da experiência docente em séries do ensino fundamental, orientações e palestras ao ensino médio, ensino técnico profissional, e por fim no ensino superior.

Em todos esses níveis de educação, como docente, observou-se a necessidade de reflexão sobre questões diversas relacionadas à educação, didática e procedimentos pedagógicos adotados, o que tem relação direta com a organização da dissertação.

O trabalho está organizado, portanto, em uma Introdução, Referencial Metodológico, outros dois capítulos e mais a conclusão. A investigação está assim distribuída:

Na **Introdução** apresento as minhas trajetórias de vida: pessoal, profissional, familiar e acadêmica – de forma simples e objetiva. Bem como, o que motivou este estudo, seus objetivos e a forma que foi sendo desenvolvido.

O **Referencial Metodológico** busca apresentar os instrumentos nos quais a pesquisa se apoia para conduzir o trabalho investigativo. Trata-se de esclarecer as várias categorias que serão utilizadas, para dar conta dos fenômenos a serem estudados.

A seguir, apresento o **Referencial Teórico**, dividido em quatro partes, onde apresento alguns conceitos de Mediação, sua evolução e os seus efeitos, as experiências e os estudos; relaciono a Educação, sua realidade na atividade curricular, a evolução através da vida cotidiana e a realidade atual da relação professor e aluno, além da formação de professores e novas imagens docentes.

Na **Análise de Resultados** apresento um diálogo sobre o que foi pesquisado, buscando contribuir para a mediação de conflitos com o foco na educação intercultural, na amorosidade, na Biologia do Ser e do Conhecer de Humberto Maturana. Indica as possibilidades atuais de uma convivência pacífica através da amorosidade e viver nas diversas culturas.

As **Considerações Finais** apresentam algumas poucas reflexões derradeiras a respeito de tudo o que foi escrito e pesquisado.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (FREIRE, 2005, p.79)

#### 3.1 MEDIAÇÃO DE CONFLITOS – MEDIAR E EDUCAR

A Mediação de Conflitos foi estudada e refletida no pensamento de Luiz Alberto Warat<sup>1</sup>, que oportuniza uma visão prática e objetiva do mediar e dialogar. O colocar-se no lugar do outro para a resolução do conflito. A obra e pensamento, assim como a vida de Warat não podem ser dissociadas, nem compreendidas de forma isolada uma da outra, pois foram marcadas pelo desejo de construção do diálogo, da crítica e da criatividade. O ofício do mediador nos faz refletir sobre a importância do amor, a linguagem no conversar, mediando das relações interpessoais.

Com profundo conhecimento do Direito, na tradição argentina analítica, o professor Warat percorreu a literatura, filosofia, psicanálise, e outras áreas buscando sanar a necessidade de desenvolver um pensamento crítico por meio da transdisciplinaridade e da interculturalidade.

A possibilidade de solução de um conflito através de um diálogo, trazendo as partes envolvidas para uma roda de conversas, mediadas por um terceiro imparcial, é uma chave que abre o universo infinito das relações humanas. A obra e a vida de Luís Alberto Warat, com sua proposta de mediação, utilizando os seus conhecimentos no Direito, forjado na tradição argentina analítica, transitava livremente pela literatura, filosofia e outras áreas, de forma natural. O que resultou em desenvolver um pensamento crítico pela transdisciplinaridade.

---

<sup>1</sup> **Luís Alberto Warat**, pensador argentino que relacionou literatura, direito e mediação de conflitos. Ele era doutor em Direito pela Universidade de Buenos Aires, Argentina e pós-doutor pela Universidade de Brasília, Brasil. Também foi professor do Mestrado e Doutorado em Direito na Universidade de Brasília; professor titular de Filosofia do Direito, Introdução ao Direito, Lógica e Metodologia das Ciências na Universidade de Morón e na Universidade de Belgrano em Buenos Aires; professor titular de Lógica e Metodologia de Ciências na Faculdade de Arquitetura e Engenharias da Universidade de Morón. No Brasil, foi professor titular da Universidade Federal de Santa Maria (RS); coordenador e professor de Direito da Unisul-Tubarão (SC); professor titular de pós-graduação em Direito da UFSC; professor do Mestrado e do Doutorado em Direito na Unisinos; professor titular de Metodologia e Arbitragem da Faculdade de Direito do Centro de Mediação da Universidade Tuiuti do Paraná; professor titular do curso de Direito, mestrado e doutorado da UnB, professor emérito da Sesuc Florianópolis; professor titular do mestrado de UFRJ; doutor honoris causa da Universidade Federal da Paraíba. E ainda: professor convidado do mestrado de Direito da URI Santo Ângelo Presidente da Associação Latino-americana de Mediação, Metodologia e Ensino no Direito. Faleceu em dezembro de 2010. Para saber mais acesse o site a seguir. Disponível em: <<http://luisalbertowarat.blogspot.com/>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

Os ensinamentos do professor Valdo Barcelos<sup>2</sup>, trouxeram um caminho epistemológico intercultural à proposta da mediação na educação para a interculturalidade. Uma relação com a educação intercultural e a biologia do ser na amorosidade, apresentada por Humberto Maturana e retratada na obra de Valdo Barcelos. Com a leitura e aprendizado na fonte destes autores baseamos nossa interpretação e entendimento da possibilidade da interculturalidade, mediação e a Educação. Uma forma de contribuição para o ensino e a formação de professores mediadores interculturais, através do amor e do saber.

O professor Paulo Freire<sup>3</sup> se encontra com a mediação de conflitos, quando nos diz que “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos

---

<sup>2</sup> **Valdo Barcelos**, pensador brasileiro. Prof. TITULAR da UFSM. Pós-Doutorado em Antropofagia Cultural Brasileira. Dr. educação (UFSC, 2001), Mestre Educação (UFSM, 1996). Pesq. Produtividade-1-CNPq. Orientador de Mestrado e Doutorado-PPGE-UFSM-Membro Efetivo da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências ocupando a Cadeira 102 - Patrono PAULO FREIRE - Membro da Academia Santa-mariense de Letras (ASL). Ocupando a Cadeira n. 26 Patrono é o Escritor Cyro Martins. Recebeu a Comenda Personalidade Literária 2017 - Pela Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências. Menção de Congratulações da Câmara de Vereadores de Santa Maria, RS. Coord. Projeto de Intercâmbio UFSM-COIMBRA. Prof. Visitante Univ. COIMBRA-Portugal. Prof/Pesq. visitante no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia-INPA. Em 2006 participou como Prof. Conferencista convidado no Instituto PIAGET-(Portugal). Consultor do Programa Iberoamericano de Ciência e Tecnologia para el Desarrollo (CYTED-OEA, CEPAL, BID-UNESCO-Educação e Intercultural); Consultor do INPA, MMA, MEC, CNPq, CAPES; Avaliador INEP-RBEP; Assessoria Form. de Prof. em EA e EJA; Consultor Ad Hoc de revistas nac. e estrangeiras; GT de E. A. da ANPEd. Escritor, gêneros: Crônica, Poesia e Conto. Líder Grupo Pesq-CNPq- KITANDA: Educação e Intercultura-UFSM-Pesq. do Núcleo MOVER: Educação Intercultural e Movimentos Sociais-UFSC. Ecologista-pacifista.Membro RAU-Brasil - Anistia Internacional. Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/74477608964660>>. Acesso em 19 jul. 2021.

<sup>3</sup> **Paulo Reglus Neves Freire** (1921 - 1997) – é o **Patrono da Educação Brasileira**. Foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro. Paulo Freire é considerado, mundialmente, como um dos grandes pensadores da Pedagogia. Entrou na Faculdade de Direito, na Universidade de Recife, onde se formou e, posteriormente, conseguiu o título de advogado. Entretanto, não exerceu a profissão. Aos 21 anos era professor de Língua Portuguesa. Em 1944, ele se casou com Elza Maria Costa Oliveira, com quem teve cinco filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. Foi diretor do Departamento de Educação e Cultura do SESI, tendo o primeiro contato com operários e com a alfabetização de adultos. No ano de 1959 defendeu a Tese “Educação e Atualidade Brasileira”, na Universidade Federal do Recife, obtendo o título de Doutor em Filosofia e História da Educação. Paulo Freire passou a trabalhar com a alfabetização de adultos, dando os primeiros passos para a metodologia que iria ser chamada de “Método Paulo Freire”. No início dos anos 60, Paulo Freire surge como um intelectual educador que com seu método revolucionário poderia alfabetizar 5 milhões de adultos, de forma rápida. Recebe a confiança do Presidente João Goulart e do então Ministro da Educação, Paulo de Tarso Santos, que o convidou para expandir seu método para todo o território nacional. Tal convite ocorreu pelo sucesso do processo de alfabetização, empregado em Angicos, Rio Grande do Norte. O plano foi interrompido pela conturbada época de 1964, quando ficou preso por 72 dias, em pequenas celas. Recusava-se à ideia de se exilar do país, mas ao saber que seria preso novamente, foi para a Bolívia e, posteriormente, para o Chile, onde viveu de 1965 a 1969, junto com sua esposa e filhos. Foi no Chile que Paulo escreveu *Pedagogia do Oprimido*, sendo Elza a sua primeira leitora. Nesse país ele escreveu, também, “*Extensão ou Comunicação?*” e “*Educação como Prática de Liberdade*”. Lá no Chile, recebeu dois convites: um para trabalhar como professor visitante na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos; e outro para ser Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra, na Suíça. Com dúvidas, consultou a família, quando decidiram ir para os Estados Unidos, onde publicou o *Pedagogia do Oprimido* em inglês. Em Harvard que ampliou o debate sobre a “educação bancária”. Posteriormente, Paulo Freire aceitou o convite de Genebra, onde morou dez anos, entre os anos de 1970 e 1980, trabalhando no Conselho Mundial das Igrejas. Ficou mundialmente conhecido, viajando para diversos países, atuando na África, especialmente nas ex-colônias portuguesas: Cabo Verde, Angola, São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau. Com essa transição em diversos países, tanto Paulo, quanto os integrantes da sua família aprenderam a relativizar a experiência em diferentes culturas. Após a Lei da Anistia, em 16 de junho de 1980, no mesmo dia do aniversário de 64 anos da sua esposa Elza, decidiram voltar para o Brasil. O projeto foi tomado a cabo ainda no Governo Figueiredo; e Paulo passou a trabalhar em São Paulo, nos anos 80, na PUC e na UNICAMP. Em virtude do reconhecimento mundial, viajou muito para o exterior, principalmente Estados Unidos e Europa. Recebeu o diploma de Doutor Honoris Causa de várias universidades do mundo, dentre as quais, uma das mais antigas do mundo: a de Bologna, na Itália. Em 1986, um duro choque: morre de um enfarte, aos 70 anos, a sua esposa Elza, com quem havia passado 42 anos de casamento. Após alguns

homens” (p. 51, 1987), de forma simples, mostrando que desde a criação do mundo, houve amor e diálogo e a humanidade evolui em torno desse contexto.

Na composição teórica deste trabalho estão os ensinamentos principais absorvidos nas leituras e estudos realizados nas obras e ensinamentos do Professor Humberto Maturana<sup>4</sup>. Nas propostas principais de Maturana, está o resgate das emoções, relacionada a evolução natural do ser humano, como um ser vivo particular, sendo a partir do amor, que permite as recorrências de encontros na aceitação do outro como legítimo outro, e originando a convivência social, constituindo a linguagem, que nos surge como seres humanos. O professor deve construir a consciência da necessidade do diálogo com o educando (FREIRE, 2001), onde a linguagem está ligada à emoção, em relações de afeto e de carinho (MATURANA, 2009), num espaço de convivência que seja baseado na confiança mútua. O “um” transformando “dois”. Assim Maturana e Varela afirmam sobre a indagação científica:

Quando un espacio se divide en dos, nace un universo: se define una unidad. La descripción, la invención y la manipulación de unidades están en la base de toda indagación científica. En nuestra experiencia común encontramos los sistemas vivos como unidades autónomas, asombrosamente diversas, dotadas de la capacidad de reproducirse. En estos encuentros, la autonomía es tan obviamente un rasgo esencial de los sistemas vivos, que siempre que uno observa algo que parece autónomo, la reacción es considerarlo viviente. (...) Autonomía y diversidad, conservación

---

anos, com Ana Araújo, sua segunda mulher, Paulo reencontra o gosto pela vida. Em 1989 foi Secretário de Educação do Município de São Paulo, durante a administração da prefeita Luiza Erundina. Afastou-se do cargo por opção, no ano de 1991. Entre 1991 e 1997 trabalhou intensamente na escrita, brigando com a saúde, mas publicando diversas obras, sendo a última “*A Pedagogia da Autonomia*”. Faleceu no dia 2 de maio de 1997, aos 75 anos de idade.

Biografia baseada no livro: FREIRE, Lutgardes Costa. Paulo Freire por seu filho. In: SOUZA, Ana Inês. (Org.). **Paulo Freire: Vida e Obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001, p. 329-342.

<sup>4</sup> **Humberto Maturana Romesín** - Pensador chileno, nasceu no ano de 1928, em Santiago do Chile. Iniciou seus estudos em medicina na Escuela de Medicina de La Universidad de Chile (1948), dando continuidade ao curso na Inglaterra (1954). Em 1958, obteve o título de Ph.D. em Biologia na Universidade de Harvard. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Livre de Bruxelas, o Prêmio McCulloch da Sociedade Americana de Cibernética e o Prêmio Nacional de Ciências da Academia Nacional de Ciências do Chile. Formado médico pela Universidade do Chile, estudou anatomia e neurofisiologia na University College of London, e Doutorado em Biologia pela Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Seguindo estudos e desenvolvendo pesquisas no Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT). Em 1960 voltou ao Chile para desempenhar a função de professor adjunto na disciplina de Biologia da Escola de Medicina da Universidade do Chile. No ano de 1965 fundou o Instituto de Ciências e a Faculdade de Ciências da Universidade do Chile. Em 1970 criou e aprimorou o conceito de Autopoiese, que explica como se dá o fechamento dos sistemas vivos em redes circulares de produções moleculares, em que as moléculas produzidas com suas interações constituem a mesma rede que as produziu e especificam seus limites. Ao mesmo tempo, os seres vivos se mantêm abertos ao fluxo de energia e matéria, enquanto sistemas moleculares. Assim, os seres vivos são "máquinas", que se distinguem de outras por sua capacidade de autoproduzir-se. Desde então, Maturana tem desenvolvido a Biologia do conhecimento. Em 27 de setembro de 1994 recebeu o Prêmio Nacional de Ciência no Chile, pelos estudos e pesquisas nos modelos conceituais a respeito da teoria do conhecimento. É cofundador e docente da Escola Matrizica de Santiago, na capital Santiago - Chile, trabalhando com Ximena Dávila (cofundadora e docente) no desenvolvimento da dinâmica da Matriz Biológico-cultural da Existência Humana. A proposta do instituto é explicar as experiências desde as experiências, como um fazer próprio do modo de viver humano (cultura), em um fluir no entrelaçamento do linguajar e do emocionar (conversar), que é desde onde surge todo o humano. Disponível em: < <https://www.ufmg.br/ieat/2011/09/humberto-maturana/>>. Acesso em 16 jul. 2021.

de la identidad y origen de la variación en el modo como se conserva a dicha identidad, son los principales desafíos lanzados por la fenomenología de los sistemas vivientes a los que los hombres han dirigido durante siglos su curiosidad acerca de la vida. (MATURANA; VARELA, 2008, p.61)

Na composição teórica deste trabalho estão os ensinamentos absorvidos nas leituras e estudos realizados nas obras de Humberto Maturana. A partir da noção de sistema, no âmbito da Biologia, Maturana (2009) se perguntou: Que classe de sistema é um ser vivo? Essa pergunta guiou suas reflexões teóricas e epistemológicas e o levou, juntamente com Francisco Varela, outro chileno com a mesma formação, ao conceito de autopoiese (MATURANA; VARELA, 2008). Teoria da autopoiese, ou Biologia do Conhecer, é o nome dado ao conjunto das ideias de Maturana.

A teoria nos apresenta um universo e suas infinitas possibilidades de conhecimento. São diversos os caminhos a serem percorridos nas linhas da biologia do ser humano. A biologia do ser, através da linguagem racional e emocional, iluminada pela amorosidade infinita da expressão do ser em meio às escolhas. Na jornada evolutiva como indivíduo, profissional e educador, passei a ser um buscador de respostas às questões que surgiam ao longo do caminho. E como não há ação sem reação, a busca encontrou teóricos que apresentaram possibilidades de evolução e solução aos conflitos internos e externos que envolviam os questionamentos e dúvidas.

As proposições de Maturana vêm na forma de compreensão da interculturalidade presente na educação, através da consciência de respeito às diferenças. Sendo o sujeito proposto, um sujeito sistêmico, relacionado e socializado ao meio onde está inserido. O professor Humberto Maturana Romesín é um autor que oportuniza sairmos de uma letargia passiva e passarmos a um pensar e agir estimulante, buscando a compreensão do ser humano como ser vivo. Humberto Maturana estimulou de forma imensurável a transformação do pensamento humano através da biologia do ser, no amar e educar (MATURANA, 2009). Do pensamento científico teórico e filosófico, até a aplicação efetiva nas relações humanas através do educar. Formar o indivíduo na consciência de que sua humanidade, viva e biológica, é transformar o conceito de vida da humanidade. Trazer sua essência ao lugar de direito, retornando ao veio original do homem. E para que isso aconteça, a

educação e a mediação têm função primordial e essencial na formação do ser humano.

“O homem está no mundo e com o mundo” (FREIRE, 1983, p. 30). Se o homem estivesse apenas no mundo, não haveria transcendência e não interferiria na história deste mundo. Não poderia objetivar-se e, por consequência, não conseguiria distinguir entre um e o outro.

A nossa leitura de mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 2006). Antes mesmo de analisarmos qualquer letra, realizamos a compreensão e leitura do mundo. O homem se comunica desde os remotos desenhos realizados no interior das cavernas à contemporânea conversação via *chat* da era da internet. A língua é para o homem um sistema de códigos que faz com que a sociedade humana possa se organizar e dialogar com os seus conhecimentos por meio das ideias e opiniões. A fala é a ferramenta essencial do educador(a), que a utiliza como “instrumento” em qualquer reciprocidade de conhecimentos. A personalidade se constrói, portanto, pela interlocução, pela relação verbal entre sujeitos, formando um contexto social e histórico (FREIRE, 1980). Dentro dessa ideia educativa, a mediação de conflitos surge como uma possibilidade de retorno à pacificidade nas relações humanas.

A **mediação de conflitos**, como um aspecto presente no Ofício do Mediador, denota suas possibilidades na resolução de conflitos como formas alternativas e suas soluções na resolução dos conflitos diversos. Em específico a resolução de conflitos inerentes ao indivíduo como um todo, onde há indivíduo, há conflito.

Na biologia do ser de Maturana (2009), encontramos essa ambiguidade, o ser como indivíduo por si é conflito. Na mediação são necessários profissionais capacitados e preparados. Os deveres e as obrigações dos profissionais que se dedicam a mediação ressaltam a postura ética das pessoas que exercem sua atividade profissional relacionada ao exercício da mediação. São orientados pelos preceitos de ética e imparcialidade nessa atividade visionária de relações de conflito em nossa sociedade, buscando soluções pacíficas em uma cultura de dissensões nas mais diversas ordens morais e sociais.

Uma das propostas da *interculturalidade* relacionada à mediação de conflitos é poder criar espaços de reflexão educativa sobre os contextos sociais e culturais

que nos envolvem, buscando um diálogo intercultural; uma educação que contemple a diversidade cultural e os seus entrecruzamentos (BARCELOS, 2013). Educar<sup>5</sup> exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural do povo do qual se faz parte. A educação intercultural e a mediação de conflitos devem estar fundamentadas no respeito à cultura estranha (estrangeira, além-limite, diversa).

Respeitar o outro não é nada mais do que *compreender as diferenças*. O choque intercultural poderá ocorrer, portanto, de inúmeras formas: por sermos de locais diversos (cidades ou países), ou de tempos distintos (idade). O intercultural significa, basicamente, “entre culturas”. Educar-se, dessa forma, é ampliar os horizontes da própria caminhada. A compreensão das diferenças contribui para a mediação dos conflitos.

A ética e a aplicação das técnicas de mediação nos conflitos garantem uma solução pacífica e satisfatória exercida pelos profissionais preparados e capacitados para o trabalho. A mediação é um instituto constituído de forma objetiva, que traz consigo elementos subjetivos, como a intenção dos mediandos e o sentir do mediador. E ainda todos os sentimentos inerentes as relações humanas como condição e recurso que auxiliam seu objetivo principal: a resolução dos conflitos de forma pacífica, buscando o melhor para as partes envolvidas.

O contato entre as diferentes culturas possibilita o *encontro/confronto* de costumes, ou seja, de conhecimento dos hábitos, crenças, ideologias distintas, fazendo com que cada cultura não saia da “interação-relação” da mesma forma que entrou. Existe a possibilidade da troca e do diálogo, com a conseqüente transformação das atitudes e, posteriormente, da própria cultura. Esse lugar de *entrecruzamento*, de *intersecção*, é denominado por Bhabha (2010) como o “*lugar fronteiro*”.

A fronteira é composta de valores e costumes de um lugar como os do outro, ou seja, é no *lugar fronteiro* que ocorrem os encontros com o estranho, o estrangeiro, o desconhecido, proporcionando a experiência do “além-limite”. Tudo o que é novo causa um sentimento de “estranho”. Assustar-se com o “nunca visto” reside no fato de que a maioria dos conhecimentos está fora da gente. O ser humano sempre será surpreendido pelo desconhecido: nesse momento, a sensação

---

<sup>5</sup> Nesse momento a palavra “educar” deve ser entendida no sentido amplo, dos currículos formais até a educação não formal, fora da escola.

que sentimos, nos conceitos da educação intercultural, é denominada como “estranhamento” (BHABHA, 2010). Nesse local de contato com o estranho poderá ocorrer o conflito.

Vasconcelos (2008) apresenta uma bela obra sobre a mediação de conflitos, onde, coloca com propriedade a caracterização do que é o conflito segundo a mediação:

O conflito é dissenso. Decorre de expectativas, valores e interesses contrariados. Embora seja contingência da condição humana, e, portanto, algo natural, numa disputa conflituosa costuma-se tratar a outra parte como adversária, infiel ou inimiga. Cada uma das partes da disputa tende a concentrar o raciocínio e elementos de prova na busca de novos fundamentos para reforçar a sua posição unilateral, na tentativa de enfraquecer ou destruir os argumentos da outra parte. Esse estado emocional estimula as polaridades e dificulta a percepção do interesse comum. Portanto, o conflito ou dissenso é fenômeno inerente às relações humanas. É furto de percepções e posições divergentes quanto a fatos e condutas que envolvem expectativas, valores ou interesses comuns (VASCONCELOS, 2008, p. 19)

Sendo a mediação composta pelo conjunto estrutural, tem em sua principal missão a restauração das relações interpessoais através do diálogo, buscando o consenso e o interesse comum. O diálogo necessita da predisposição do respeito, como assegura Paulo Freire:

O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos. Este encontro amoroso não pode ser, por isto mesmo, um encontro de inconciliáveis. **Não há nem pode haver invasão cultural dialógica**; não há manipulação nem conquista dialógicas: estes são termos que se excluem. (FREIRE, 1992, p.43, **grifo nosso**)

Uma interlocução entre as partes e os mediadores, todos buscando a autocomposição entre os envolvidos, o mediador o terceiro envolvido, e facilitador da solução. Com a resolução dos conflitos na mediação, ressalta sua característica principal: a forma de resolução pacífica dos conflitos, baseada na paz e na justiça social.

O livro “Mediação de Conflitos”, do Ministério do Trabalho, traz outras orientações sobre os conceitos de conflito:

O vocábulo “conflito” nos remete à ideia de contenda, controvérsia, confronto entre as partes que apresentam versões diferentes ou têm pretensões contrapostas ou incompatíveis. (...) Os conflitos individuais, quando não solucionados diretamente entre as partes, de forma autônoma, são submetidos à apreciação do órgão jurisdicional ou arbitral. (BRASIL, 1997, p.19)

Quando ocorre a mediação, há um incentivo para que as partes em litígio encontrem soluções com maior liberdade, por si próprias, ainda que auxiliadas por um terceiro. Com a finalidade de elucidar os procedimentos relacionados a composição de conflitos de diversas ordens, se faz necessário descrever as características específicas:

- A Arbitragem é feita por um Árbitro que não precisa ser formado em direito e é escolhido pelas partes, podendo ser qualquer pessoa capaz que tenha a confiança das partes. O Árbitro decide o litígio, e a decisão arbitral produz os mesmos efeitos, entre os interessados como se fosse uma sentença proferida pelos órgãos do Poder Judiciário;

- A Negociação é feita pelas próprias partes, entre si, livremente, sem interferência de um terceiro, podendo ou não chegar a um acordo.

- A Conciliação se faz geralmente em Juízo, durante o curso do processo, sob a direção do próprio Juiz do Estado. Mas pode ser feita, também, dentro ou fora do Poder Judiciário, na presença e com a participação de um Conciliador privado, visando, explicitamente, obter um acordo para prevenir ou terminar o litígio. O conciliador atua analisando a controvérsia em conjunto com as partes, sugerindo soluções, incentivando o acordo, intervindo nas controvérsias com suas opiniões. Há um objetivo claro e preestabelecido: chegar a um acordo pela conciliação das partes. Cada parte faz concessões para a outra e a Conciliação representa o acordo para terminar a controvérsia.

A Mediação é um procedimento que visa a autocomposição entre as partes, com o auxílio de um terceiro, o Mediador, que não julga, nem intervém na decisão das partes. O Mediador apenas facilita a comunicação entre os envolvidos visando ajudá-los a compreender a complexidade da controvérsia e sua transformação numa outra situação melhor, procurando, assim, fazer a terapia do vínculo conflitivo. As partes podem chegar, ou não, a uma solução sobre a controvérsia. Mas sempre aumentarão, durante a Mediação, seu poder de decidir por si próprias, sem delegar a decisão a um terceiro.

Para Maturana (2009b), é importante visualizarmos que existem dois tipos de debates entre as pessoas: as discussões **lógicas** e as **ideológicas**. Quando o desacordo é lógico (por exemplo:  $3+3 = 5$ ), isto é, quando ele ocorre de “um erro ao aplicar as coerências operacionais derivadas de premissas fundamentais aceitas” (2009b, p. 17), quando a dúvida se encerra, a discussão acaba e, normalmente, se

encerram as animosidades. Mas existem outras discussões – as ideológicas – nelas ocorre a possibilidade de negarmos “ao outro os fundamentos de seu pensar e a coerência racional de sua existência”. Por isso, que existem disputas que jamais serão resolvidas, no plano em que são propostas: a verticalidade. O mediador de conflitos deve buscar o respeito e a horizontalidade.

Trazendo esses conceitos para a educação e para a sala de aula, a solução de conflitos poderá contribuir para uma *hibridação* entre as partes, ou seja, a criação de conversação e vivência intercultural. Neste sentido, Nestor Garcia Canclini (2003) disserta sobre a *hibridação* “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2003, p.XIX), ou seja, as trocas entre as diferentes culturas, que se tornam cada vez mais intensas, na atualidade, em virtude do mundo globalizado em que vivemos. Uma forma de oposição às antigas *relações binárias*<sup>6</sup> entre os sujeitos que potencializavam e ainda potencializam os conflitos:

Na maioria das vezes as relações entre sujeitos e entre culturas diferentes são consideradas a partir de uma **lógica binária** (índio x branco, centro x periferia, dominador x dominado, sul x norte, homem x mulher, criança x adulto, normal x diferente...) que não permite compreender a complexidade dos agentes e das relações subentendidas em cada polo, nem a reciprocidade das inter-relações, nem a pluralidade e a variabilidade dos significados produzidas nessas relações. (FLEURI, 2003, p.11)

Canclini (2003), além de debater o conceito de hibridação, nos leva a refletir sobre a possibilidade de tornar esse mundo mais “convivível”, abrangendo os “processos de hibridação”, como vemos:

Considero atraente tratar a hibridação como um termo de tradução entre mestiçagem, sincretismo, fusão e outros vocábulos empregados para designar misturas particulares. Talvez a questão decisiva não seja estabelecer qual desses conceitos abrange mais e é mais fecundo, mas, sim, como continuar a construir os princípios teóricos e procedimentos metodológicos **que nos ajudem a tornar este mundo mais traduzível, ou seja, convivível em meios a suas diferenças**, e a aceitar o que cada um ganha ou está perdendo ao hibridar-se (CANCLINI, 2003, p.XXXIX, **grifo nosso**).

Portanto, existe uma grande relevância na importância do estudo do “instituto” da mediação como alternativa para o tratamento dos conflitos

---

<sup>6</sup> Homi Bhaba (2010) também coloca as relações binárias, tomando como exemplo: passado e presente, interior e exterior, sujeito e objeto, significante e significado. Segundo ele, tais concepções ficam restritas a uma *dualidade*, sem atentar para o aspecto científico presente em diversas outras dimensões.

educacionais através de mecanismos oriundos da sociedade atual, do acesso à informação e da difusão do trabalho já realizado no município de Santa Maria/RS, uma vez que a produção é de autoria de um dos mediadores privados atuante para a Solução de Conflitos em Santa Maria e representará a efetivação de um trabalho desenvolvido desde de sua formação como especialista em mediação.

De forma bastante resumida, estas práticas de mediação acontecem no campo do direito e têm como fundamento jurídico os direitos humanos, na busca da solução dos conflitos nas diversas formas que se apresentam. Busca dar ênfase a uma cultura de paz e não a uma cultura de dominação. Para tanto, usam-se da mediação como uma técnica para o acordo entre as partes envolvidas em um conflito. Na obra *Mediação de Conflitos*, de Carlos Eduardo de Vasconcelos, há um conceito de mediação que retrata nosso pensamento:

Mediação é um meio geralmente não hierarquizado de solução de disputas em que duas ou mais pessoas, com a colaboração de um terceiro, o mediado – que deve ser apto, imparcial, independente e livremente escolhido e aceito -, expõem o problema, são escutadas e questionadas, dialogam construtivamente e procura identificar os interesses comuns, opções e, eventualmente, firmam um acordo. Cabe, portanto, ao mediador colaborar com os mediados para que eles pratiquem uma comunicação construtiva e identifiquem seus interesses e necessidades comuns. Há vários modelos de mediação, mas de regra, recomenda-se a realização de encontros preparatórios ou entrevistas de pré-mediação. A mediação é tida como um método em virtude de estar baseada num complexo interdisciplinar de conhecimentos científicos extraídos especialmente da comunicação, da psicologia, da sociologia, da antropologia, do direito e da teoria dos sistemas. E é, também, uma arte, em face das habilidades e sensibilidades próprias do mediado. (VASCONCELOS, 2008, p. 36).

Esse é um dos conceitos de mediação e nos mostra que onde existem relações, existem conflitos, onde um nega o outro, suas diferenças geram o conflito e afetam a relação social e humana que Humberto Maturana também nos apresenta em sua obra. O objetivo principal da Mediação não é somente chegar a um acordo. O acordo é uma das possibilidades decorrentes do procedimento de Mediação, mas não é a finalidade da Mediação.

A Mediação é, qualitativamente, diferente da Conciliação Judicial, ou extrajudicial. A prática da mediação tem como principal finalidade reestabelecer os vínculos sociais, familiares, escolares, comerciais ou de qualquer outra natureza, ainda que haja dissolução dos relacionamentos (VASCONCELOS, 2008). A Mediação existe sem necessidade de ser tutelada por qualquer poder estatal,

dependendo apenas de as partes estarem dispostas a exercitarem seu poder de autocomposição e se abrirem para o aprendizado vital, a partir do conflito. É possível a aplicação do instituto da mediação, que pode ser utilizado em diversos tipos de conflito. Desde a mediação familiar a escolar, resolução de questões trabalhistas, empresariais e outros.

O mundo da atualidade sofre inúmeras mudanças. Uma dessas transformações é a grande *mobilidade* das pessoas. Movimento este que se deve aos mais paradoxais motivos, sendo um dos argumentos utilizados por autores contemporâneos para justificar parte das grandes transformações pelas quais passam as nações criadas no espaço político e cultural da modernidade ocidental. Esta questão se tornou um cenário planetário. O continente europeu passa por uma avalanche de migrantes e de imigrantes das várias nacionalidades, dos diversos continentes. Se nos voltarmos para o continente latino-americano, por exemplo, a circulação de pessoas é, também, muito intensa (BARCELOS, 2013).

Esta pesquisa é, portanto, uma tentativa de aproximar as diferentes culturas por intermédio de um estudo sob a perspectiva da mediação de conflitos, com o objetivo final de contribuir para a formação de professores(as), especialmente com o conhecimento de como atuar em conflitos escolares. Com isso, abriu-se à possibilidade da troca epistemológica e do diálogo empírico, com a consequente transformação das atitudes e, posteriormente, da própria cultura.

Esse lugar de *entrecruzamento*, de *intersecção*, é denominado por Bhabha (2010) como o “*lugar fronteiro*”. A fronteira é composta de valores e costumes de um lugar como os do outro, ou seja, é no *lugar fronteiro* que ocorrem os encontros com o estranho, o estrangeiro, o desconhecido, proporcionando a experiência do “além-limite” e podem suscitar conflitos. Tudo o que é novo ou diferente pode causar um sentimento de “estranho”. Assustar-se com o “nunca visto” reside no fato de que a maioria dos conhecimentos está fora da gente. Por mais estudioso que um humano seja, por mais que se esforce em aprender, ele sempre será surpreendido pelo desconhecido. Neste momento, a sensação que percebemos nos conceitos da *educação intercultural* é denominada como “estranhamento” (BHABHA, 2010).

Neste sentido, Canclini (2003) dissertou sobre a *hibridação*: “processos socioculturais, nos quais estruturas ou práticas discretas que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2003), ou seja, a troca entre as diferentes culturas se torna cada vez mais intensa na

atualidade em virtude do mundo globalizado em que vivemos. Uma forma de oposição às antigas *relações binárias*<sup>7</sup> entre os sujeitos. Canclini (2003), além de debater o conceito de hibridação, nos leva a refletir sobre o direito que as culturas possuem de hibridar-se ou não. Portanto, sua discussão extrapola o entendimento conceitual, abrangendo os “processos de hibridação”:

Considero atraente tratar a hibridação como um termo de tradução entre mestiçagem, sincretismo, fusão e outros vocábulos empregados para designar misturas particulares. Talvez a questão decisiva não seja estabelecer qual desses conceitos abrange mais e é mais fecundo, mas, sim, como continuar a construir os princípios teóricos e procedimentos metodológicos que nos ajudem a tornar este mundo mais traduzível, ou seja, convivível em meios a suas diferenças, e a aceitar o que cada um ganha ou está perdendo ao hibridar-se (CANCLINI, 2003).

A hibridação ocorrida nas relações entre culturas diferentes, ou mesmo as diferenças dentro da mesma cultura, corroboram para os Direitos Humanos e para a mediação de conflitos.

### 3.2 A MEDIAÇÃO ESCOLAR E EDUCACIONAL

A Mediação sendo uma forma de resolução pacífica dos conflitos de toda a ordem, também pode ser utilizada no ambiente Escolar, para restaurar as relações e os vínculos entre os alunos, professores, dirigentes, servidores e família, ou seja, toda a comunidade escolar que compõe o ambiente educacional. Um novo propósito ao ser humano em desenvolvimento e no abandono, dos infrutíferos castigos e sermões destinados a corrigir desvios morais, sentimentos e ações, os quais geram desconforto e revolta.

Os elementos mais característicos do comportamento e das atitudes das crianças são a maleabilidade e o potencial intelectual, e necessitam de auxílio para desenvolver relações positivas no seu meio. A Mediação Escolar valoriza o ser, oportunizando o diálogo, sua exposição de motivos, em igual condição de responsabilidade pelos seus próprios atos. Todo o diálogo deve predispor o amor como fonte de socialização humana, assim ensinava Maturana:

---

<sup>7</sup> Homi Bhaba (2010) também coloca as relações binárias, tomando como exemplo: passado e presente, interior e exterior, sujeito e objeto, significante e significado. Segundo ele, tais concepções ficam restritas a uma *dualidade*, sem atentar para o aspecto científico presente em diversas outras dimensões.

O amor é a expressão de uma congruência biológica espontânea, e não tem justificação racional: o amor acontece porque acontece, e permanece enquanto permanece. O amor é sempre à primeira vista, mesmo quando ele aparece após circunstâncias de restrições existenciais que forçam interações recorrentes; e isso é assim porque ele ocorre somente quando há um encontro em congruência estrutural, e não antes. Finalmente, o amor é a fonte da socialização humana, e não o resultado dela, e qualquer coisa que destrói o amor, qualquer coisa que destrói a congruência estrutural que ele implica, destrói a socialização. A socialização é o resultado do operar no amor, e ocorre somente no domínio em que o amor ocorre (MATURANA, 1997, p.185).

Portanto, visando o diálogo baseado na amorosidade educativa, a mediação pode ser pensada como Política Pública ou como Programa a ser desenvolvido para as necessidades de uma determinada Escola, especialmente as que têm altos índices de violência ou de atos agressivos repetitivos, que intimidam o indivíduo que não é aceito por um grupo social, no caso a escola.

A Mediação Escolar institui o senso de cidadania do aluno, por meio do diálogo, conversa e empatia, através da amorosidade praticada em cada situação fática junto aos alunos. Na forma que reflitam e criem suas próprias estratégias de enfrentamento, encontrem possíveis respostas e saídas para as suas demandas e percebam suas próprias responsabilidades na espiral do conflito. A mediação necessita de um consenso, mais ainda, de coordenações consensuais:

A linguagem está relacionada com coordenações de ação, mas não com qualquer coordenação de ação, apenas com coordenação de ações consensuais. Mais ainda, a linguagem é um operar em coordenações consensuais de coordenações consensuais de ações. (MATURANA, 2009b, p.20)

Por isso, a importância de ser a Escola um dos primeiros “locais da Mediação”, prevenindo-se as incomunicabilidades, mal-entendidos e os problemas. Integrando em seu ambiente, atividades que permitam a cooperação e a transformação social dos alunos e professores. O professor deve construir a consciência da necessidade do diálogo com o educando (FREIRE, 2001), onde a linguagem está ligada à emoção, em relações de afeto e de carinho (MATURANA, 2009), num espaço de convivência que seja baseado na confiança mútua. A mediação do “um” transformando “dois”.

Quando un espacio se divide en dos, nace un universo: se define una unidad. La descripción, la invención y la manipulación de unidades están en la base de toda indagación científica. En nuestra experiencia común encontramos los sistemas vivos como unidades autónomas, asombrosamente diversas, dotadas de la capacidad de reproducirse. En

estos encuentros, la autonomía es tan obviamente un rasgo esencial de los sistemas vivos, que siempre que uno observa algo que parece autónomo, la reacción es considerarlo viviente. (...) Autonomía y diversidad, conservación de la identidad y origen de la variación en el modo como se conserva a dicha identidad, son los principales desafíos lanzados por la fenomenología de los sistemas vivientes a los que los hombres han dirigido durante siglos su curiosidad acerca de la vida. (MATURANA; VARELA, 2008, p.61)

De outra forma, a mediação pacífica dos conflitos pode ser de grande valor para motivar as relações democráticas entre as crianças. Na interpretação de Valdo Barcellos e Sandra Maders, o convívio das crianças entre si é parte do contexto. A criança vai interagir e isso vai gerar o conflito. São culturas e realidades diferentes por natureza. O que vai diferenciar são os atributos que cada um traz consigo. Aquilo que aprendeu e desenvolveu no contexto familiar, e traz consigo na relação interpessoal no ambiente escolar. Na obra de Valdo Barcelos e Sandra Maders, nos mostram que o amor e a amorosidade são atributos do indivíduo:

Da mesma forma, seu aprendizado será tão mais facilitado quanto mais de amor e de acolhimento for seu ambiente de coexistência. Não nos esqueçamos de que as crianças nascem nem amando, nem odiando ninguém. Elas vão amar ou odiar na mesma medida e proporção que forem amadas ou odiadas nos espaços relacionais em que vivem o fluir de suas existências. (Barcelos e Maders, 2016)

O ambiente e a condição da relação educacional e afetiva influenciam na formação do ser social. Quanto mais respeito e amorosidade, mais relação social e intercultural vai haver. E em se tratando de solucionar conflitos escolares, isso é fundamental. O trato de um conflito requer a participação efetiva das partes em todos os momentos da mediação. Não existe mediação se uma das partes não expressa esta vontade. Logo a criança que traz consigo a condição biológica da amorosidade, ao encontrar o instituto da mediação, vai contribuir para solução pacífica do conflito. O ambiente escolar contribui para o sujeito assumir-se como um ser social e histórico, pensante:

(...) Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. (FREIRE, 2001, p.46)

A mediação tem seu objetivo maior, que o conflito seja resolvido por meio de uma cultura de paz, através da **não-violência** e da **não exclusão do outro**,

sendo a melhor alternativa para a solução das lides interpessoais e, principalmente, familiares.

A estrutura física da mediação, brevemente descrita anteriormente, prepara os envolvidos para o diálogo que entre si, sozinhos, não conseguiriam realizar, permanecendo no conflito existente.

Em um conflito, a falta do diálogo que antes era presente, pode ser retomada por intermédio de um terceiro. O Mediador, em seu ofício, de uma boa fé, baseado em princípios sólidos de paz incondicional, busca envolver e facilitar o entendimento. Ele (ou ela) utiliza técnicas e recursos para a resolução dos conflitos, desvelando-os de forma clara e objetiva. O desenvolver dos conflitos existentes, favorecem o início de um caminho na direção da resolução do conflito. Despertam os sentimentos que estavam adormecidos, que substituem os objetivos que antes tratavam de cobranças.

Segundo a professora Nelly Alleoti Maia (1996, p.18), “Toda a educação é aprendizagem, mas nem toda a aprendizagem é educação.” A assertiva declara que existem muitas coisas que são aprendidas, as quais podem levar à falta de educação: o ladrão rouba e o vigarista engana; exemplos de comportamentos aprendidos, mas que ao invés de integrar, *marginalizam* as pessoas, ou seja, colocam à margem da sociedade. Ao contrário, também existem ensinamentos que contribuem para a interação social, o que se pode afirmar que são a *educação*, pois favorecem o processo de aperfeiçoamento do homem, para ele possuir atitudes aceitas pelo grupo e adquirir conhecimentos para agir em benefício dessa sociedade. Conflitos resolvidos dentro do ambiente escolar irão favorecer a construção de uma cidadania, seja pelo docente sentir que está cumprindo a sua missão, ou pelos alunos que passam a reagir mais adequadamente em relação aos conflitos com os próprios colegas e/ou professores.

O conflito quando a causa é a lógica através das questões operacionais, não gera consequências extremas, no entendimento de Maturana não há briga ou conflito no embate pelo lógico, conforme segue:

Nunca brigamos quando o desacordo é apenas lógico, isto é, quando o desacordo surge de um erro ao aplicar as coerências operacionais derivadas de premissas fundamentais aceitas por todas as pessoas em desacordo. Mas há outras discussões que geram conflitos: é o caso de todas as discussões ideológicas. Isso acontece quando a diferença está nas premissas fundamentais que cada um tem. Esses desacordos sempre

trazem consigo uma explosão emocional, porque os participantes vivem seu desacordo como ameaças existenciais recíprocas. Desacordos nas premissas fundamentais são situações que ameaçam a vida, já que um nega ao outro os fundamentos de seu pensar e a coerência racional de sua existência. (MATURANA, 2002, p. 17).

Dessa questão entre as partes envolvidas no conflito, afloram imagens lembradas do passado, conservadas na memória, revides e rancores, inerentes ao ser humano e presentes nos conflitos interpessoais. Esses sentimentos inerentes ao meio social não são originais do ser humano. Somos seres biológicos formados pela condição, e que numa situação conflitante passam a fazer parte das palavras, atos e ações.

Na verdade, porém, não é a educação que forma a sociedade de certa maneira, mas a sociedade que, formando-se de certa maneira, constitui a educação de acordo com os valores que a norteiam. Mas, como este não é um processo mecânico, a sociedade que estrutura a educação em função dos interesses de quem tem o poder, **passa a ter nela um fator fundamental para a sua preservação.** (FREIRE, 1982, p.146, **grifo nosso**)

Para isso, para a preservação da própria sociedade, como nos diz Freire (1982, op. Cit.) é necessária habilidade em lidar com os sentimentos, com as diferenças existentes nas relações interpessoais próprias e dos semelhantes. O envolver do mediador e das partes durante a mediação, faz parte do instituto da mediação, o mediar e sua interação a respeito do conflito, favorece para a solução pacífica dele.

O atributo cultural, acrescido do restritivo de classe, não esgota a compreensão do termo "identidade". No fundo, mulheres e homens nos tornamos seres especiais e singulares. Conseguimos, ao longo de uma longa história, deslocar da *espécie* o ponto de decisão de muito do que somos e do que fazemos para nós mesmos individualmente, mas, na engrenagem social sem a qual não seríamos também o que estamos sendo. **No fundo, nem somos só o que herdamos nem apenas o que adquirimos, mas a relação dinâmica, processual do que herdamos e do que adquirimos.** (FREIRE, 1993, p.93, **grifo nosso**)

A autocomposição das partes e situações envolvidas é a forma aplicada da *biologia do ser e do viver* para edificar as relações do indivíduo, pois "nem somos só o que herdamos nem apenas o que adquirimos" (Freire, 1993, op. Cit.), mas uma relação dinâmica que propaga ou dificulta a educação. Essa relação se fortalece quando aplicada de forma subjetiva através do sentir e estar envolvidos na intenção

de resolver o conflito. Isso dissipa entendimentos pré-concebidos de protocolos estabelecidos em certezas previstas em teorias geométricas exatas. Humberto Maturana no livro “A Árvore do Conhecimento” nos fala sobre o amor.

(...) o amor ou, se não quisermos usar uma palavra tão forte, a aceitação do outro junto a nós na convivência, é o fundamento biológico do fenômeno social. Sem amor, sem aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem esta não há humanidade. Qualquer coisa que destrua ou limite a aceitação do outro, desde a competição até a posse da verdade, passando pela certeza ideológica, destrói ou limita o acontecimento do fenômeno social. Portanto, destrói também o ser humano, porque elimina o processo biológico que o gera. Não nos enganemos. Não estamos moralizando nem fazendo aqui uma prédica do amor. Só estamos destacando o fato de que biologicamente, sem amor, sem aceitação do outro, não há fenômeno social. Se ainda se convive assim vive-se hipocritamente, na indiferença ou na negação ativa. Descartar o amor como fundamento biológico do social, bem como as implicações éticas dessa dinâmica, seria desconhecer tudo o que nossa história de seres vivos de mais de três bilhões e meios de anos nos diz e nos legou. Não prestar atenção ao fato de que todo conhecer é um fazer, não perceber a identidade entre ação e conhecimento, não ver que todo ato humano, ao construir um mundo na linguagem, tem um caráter ético porque ocorre no domínio social – tudo isso é igual a não se permitir ver que as maçãs caem para baixo.” (Maturana, 2001, pag. 269/270)

Sem a intenção não há ação resolutória das questões conflitivas diversas ou específicas. Isso é uma realidade da mediação. O modelo de Mediação Escolar **deve** envolver a intenção e a condição das partes no conflito, a compaixão, o respeito às diferenças, a escuta das necessidades e interesses de cada pessoa, bem como promova a responsabilidade e a solidariedade. Deve-se proporcionar um ambiente fértil para a construção de resiliência, tornando possível a melhora na autoestima, sentimento de bem-estar, diminuição da ansiedade e aumento do rendimento.

Temos que refletir se a educação atual não proporciona um ambiente conflitivo, “estrangeirista”, que não reconhece a cultura e o lugar do outro, jogando-o para a belicosidade. O pensador argentino, radicado no México, Néstor Garcia Canclini, um estudioso e pesquisador pioneiro nos aspectos da interculturalidade chega a afirmar que:

El extranjero no es solo en que está lejos o del otro lado de la frontera, sino también El otro cercano que desafía nuestros modos de percepción y significación. Puede sentirse mayor extrañamiento ante quienes en La propia sociedad reivindican con énfasis un particularismo que en relación con otros de La misma profesión en países distantes, o que comparten formas internacionalizadas de consumo (CANCLINI, 2009, p.05).

Acompanhamos a evolução e o crescimento da cultura da paz e das “rodas de conversa”, que promovem a cidadania entre os alunos, incentivando o diálogo, além de várias campanhas que tem por objetivo evitar a prática de atos de violência e incentivar a cultura do respeito mútuo, inclusive, por meio do uso das técnicas da Mediação de conflitos. O ser em sua mais tenra condição de aprendiz, absorve com clareza, de que o conflito também tem seu sentido positivo e transformador.

As adversidades fazem parte da condição humana e do dia a dia do indivíduo, apresentando a vivência do ser humano. E proporcionam um aprendizado de habilidades e condições necessárias para o enfrentamento das questões do mundo humano, com um caráter pedagógico. É um incentivo natural à comunicação, autogestão e responsabilidade pelos atos praticados ao coletivo ou ainda diretamente ao outro. Ainda nas consequências positivas e reais, ajuda a prevenir controvérsias futuras, expandindo o aprendizado e a concepção de estar no meio. Ainda, promover comportamentos pró-sociais como o respeito, coesão, cooperação, responsabilidade, solidariedade e alteridade; sendo aplicado a resiliência e bem-estar no ambiente social.

A Mediação, nos ambientes educacionais, é um meio de apoio ao professor, alunos e a toda a comunidade escolar. Atua como coadjuvante no processo de transformação e aprendizagem, pois permite que se altere positivamente a dinâmica escolar e não apenas as relações entre os estudantes. Para isso, porém, o corpo docente também precisa se engajar na proposta, com vistas a reforçar as habilidades dos educandos (as), aprendizes na experiência decorrente da Mediação. Nesse sentido, desenvolver o aspecto emocional torna-se importante:

(...) É nesta perspectiva que podemos dizer que uma determinada emoção se faz presente numa relação – ou, num outro, por exemplo – a partir da identificação do domínio da ação em que este outro se encontra. Maturana ainda acrescenta que este “outro” tanto pode ser um ser humano quanto qualquer outro animal. (BARCELO e MADERS, 2016, p.17)

Humberto Maturana nos apresenta a biologia do amor e do viver, de forma aplicada e simples, com resultados formados com o próprio sentir do ser para consigo e o outro. Para Maturana, as crianças se transformam com a convivência com os adultos e, por meio dela, aprendem a ser 'mais sérias' e responsáveis. Ou seja, o primeiro exemplo que a criança tem é o do adulto que faz parte de seu grupo familiar, seja na condição que melhor se apresente. A criança absorve naturalmente

os exemplos de ser e estar naquele ambiente familiar. É um processo natural onde as informações são transmitidas e nem mesmo o adulto na maioria das situações sabe que está comunicando ou transmitindo as informações à criança.

A criança após o convívio familiar como grupo social, teoricamente organizado, está apta a novas oportunidades e vivências. O próximo nível desse ciclo da experiência humana se realiza na escola. O ambiente educacional é onde a criança, agora aluno, traz em sua bagagem os conhecimentos recebidos na cultura familiar. Ingressa em nova jornada evolutiva, agora com função definida de aprendizado, onde os conhecimentos estão definidos, sendo transmitidos por um adulto capacitado para aquela função, por intermédio de currículos escolares definidos dentro da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Contudo, sabe-se que educação não se limita a conteúdo. Educar transita entre o individual e o coletivo. Seria muito simples se cada um deixasse sua condição individual ao entrar na sala de aula e se preocupasse apenas com o interesse da coletividade. Seria mecânico se um jovem fechasse a “gaveta” de informações familiares e abrisse outra vazia, destinada para os conhecimentos e aprendizados a serem dialogados com docentes e colegas. Obviamente, não é isso o que ocorre. Uma criança ao chegar ao ambiente escolar já possui vivências, amores e desamores, alegrias e tristezas.

No ambiente educativo apenas cresce uma simbiose, onde é reforçada a ideia de que não existem duas pessoas iguais, mesmo que elas sejam de idades parecidas e do mesmo ambiente familiar. A regra é de que existe a diferença e não uma homogeneidade (FREIRE, 1983).

Freire (1983) explica que a educação é uma resposta à finitude da infinitude. Ele acrescenta que a educação é possível para o homem, porque este é inacabado e tem consciência disso, sendo que “Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem” (1983, p.27). Para ele, o homem está no mundo e com o mundo, podendo distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo, que evoluem de formas diversas, com línguas diferentes e com aprendizagens variadas. A nossa igualdade, portanto, está na nossa diferença. Desse princípio, quando a interculturalidade se realiza dentro de uma sala de aula, no mesmo momento um conflito, de certa forma, pacífico, se instala.

A condução dessa mistura de culturas e familiaridades é que vai delimitar a que estágio o conflito vai alcançar. Sendo a Escola, uma instituição social onde são

vivenciados algumas formas e tipos de violência, alguns conflitos afloram trazidos do ambiente familiar. O novo grupo social, pelas diferenças existentes entre seus participantes, oportuniza que cada um se manifeste individualmente, seguindo o conhecimento que traz de sua ancestralidade familiar.

O docente como facilitador pode ser um mediador nato, aplica sua imparcialidade e capacidade de empatia, para dar seguimento aos trabalhos. Dando condições e proporcionando que todos os envolvidos tenham a oportunidade de expressar e manifestar suas razões, vontades e desejos, de forma que o outro esteja receptivo. Esse é um momento sutil da subjetividade, de sentir a amorosidade educativa. Mediar conflitos consiste na busca do desconhecido conhecido. Conhecido, pois sabemos o local em que se quer chegar, mas desconhecido, porque não temos a certeza se chegaremos.

A mediação de conflitos torna-se infinita em suas possibilidades no que se refere à resolução dos conflitos. O acordo pode ser um objetivo final, ou maior, para as partes que buscam uma resolução daquele conflito, mas, independentemente do resultado, o principal é a possibilidade de diálogo e escuta para consigo e o outro, em qualquer lide, seja extrajudicial, no caso da mediação, ou uma ação judicial, esse resultado nem sempre é o melhor e o mais benéfico para os envolvidos.

Os limites processuais na operação do direito restringem as vontades das partes ou pelo menos de uma das partes. Em se tratando da mediação, além do aspecto legal a ser observado e seguido, há uma busca pelo interesse comum das partes, ou dos envolvidos. A mediação busca reduzindo o conflito existente, e de certa forma, extinguir o conflito através da composição das partes, através do diálogo e da escuta, aproximando a uma solução pacífica respeitada as proporções do conflito.

(...) o que somos não é o que pensamos, o que dizemos e, muito menos aquilo que dizem que nós somos. O que somos só pode ser entendido e compreendido por meio do conhecimento e do entendimento daquilo que fazemos. É olhando para o nosso fazer, que podemos chegar ao nosso ser. Resumindo: somos aquilo que fazemos. O nosso ser é o resultado daquilo que fazemos. Este é um dos motivos que nos levou a ser todos diferentes como pessoas. Este ser diferente nos remete a que, como propõe Humberto Maturana, "lo que usted oye do que yo digo tiene que ver con usted e no conmigo" (BARCELOS; MADERS, 2016, p14).

O mediador na educação é condutor do fluido energético que movimenta o instituto da mediação, ou seja, ele se torna consequência do que faz e como faz

(BARCELOS e MADERS, op. Cit.). É necessário, para eliminação do conflito, considerar o outro como extensão de si próprio, com amorosidade, e complemento indispensável à existência plena. Considerar as diferenças, respeitá-las e até mesmo mantê-las é fundamental. Entender que é no outro que se consegue enxergar realmente quem somos.

(...) sempre que **agimos segundo nossos desejos**, mesmo quando parece que atuamos contra algo ou forçados pelas circunstâncias; fazemos sempre o que queremos, seja de modo direto, porque gostamos de fazê-lo, ou indiretamente, porque queremos as consequências de nossas ações, mesmo que estas não nos agradem. Afirmo, ademais, que se não compreendermos isso não poderemos entender o nosso ser cultural (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2011, p.36, **grifo nosso**).

A Biologia do Conhecer, o conjunto das proposições de Maturana, são desenvolvidas de forma objetiva na resolução dos conflitos, criados pelos nossos desejos. O diálogo, a expressão do sentir de cada um dos envolvidos na mediação, refletem nos anseios de pacificação das questões controversas. Logo devem ser aplicados ao ser como indivíduo, desde a sua mais tenra idade, no momento de seu desabrochar para o conhecimento a ser desvelado. A autopoiese, por Maturana, a explicação do vivo, se resplandece em resultado majorado pela vida em esplendor de evolução e compreensão humana. Onde o humano tem a capacidade de produzir a si mesmo nos diversos espaços da condição humana, como ser vivo que habita o espaço em que vive:

Biologia do Conhecer é o nome dado ao conjunto das ideias de Humberto Maturana, inicialmente conhecido como teoria da autopoiese. É uma explicação do que é o viver e, ao mesmo tempo, uma explicação da fenomenologia observada no constante vir-a-ser dos seres vivos no domínio de sua existência. Enquanto uma reflexão sobre o conhecer, sobre o conhecimento, é uma epistemologia. Enquanto uma reflexão sobre nossa experiência com outros na linguagem, é também uma reflexão sobre as relações humanas em geral, e sobre a linguagem e a cognição em particular. (MAGRO & PAREDES, in MATURANA, 2001, p. 13).

Mudar e seguir um novo modo de viver, onde o valor seja a pessoa humana em si, desprovida do ter, dos bens materiais que muitas vezes impedem o convívio e as relações humanas verdadeiras. Conviver com as diferenças é fundamental para uma sociedade em evolução. Um mundo desejável transcorre pelo caminho de que a ética e a moral sejam referências nas relações humanas e profissionais, auxiliando o indivíduo como um todo.

A mediação não é uma solução para todos os conflitos, mas com certeza, é um mecanismo eficaz e eficiente em uma grande parte dos conflitos a que se propõe solucionar. Entender a importância dessa mediação, na formação de professores, torna-se fator essencial para o sucesso de uma educação brasileira eficiente. Tudo indica que a formação de professores é contínua durante toda a sua profissão e, mesmo antes dela, como nos diz Boaventura de Souza Santos:

É de fundamental importância compreender que a formação do professor começa antes mesmo de sua formação acadêmica e prossegue durante toda sua vida profissional. Neste contexto, deve ser lembrado que o futuro professor já chega aos cursos de formação profissional com imagens introjetadas sobre a função da escola e da educação e sobre o papel do professor. Assim, os estudos sobre a formação de professores devem aliar as experiências acadêmicas e profissionais dos docentes com suas experiências pessoais, no sentido de captar como vão sendo instruídos valores e atitudes em relação à profissão e à educação e geral (SANTOS, 1995, p. 25-26).

A mediação e os mediados, se tratados apenas como peças físicas de um mecanismo, não se movimentam entre si. É necessária uma força motriz, um fluido energético para conduzir o movimento, desencadeando ações e reações. O movimento gera um entendimento entre os descontentes, o sentir-se bem, das partes envolvidas, que somente é atingido quando a interação social se manifesta. Especialmente através da satisfação de externar sua posição e opinião, reflexo da leveza que o diálogo proporciona. Trazendo para a sala de aula, a mediação entre docente e alunos, para que o ambiente se torne melhor. Uma simbiose do querer, poder, sentir, desejar e amar, e fazer parte da condição humana.

### 3.3 EDUCAÇÃO, POSSIBILIDADES DA MEDIAÇÃO E DA CONVIVÊNCIA

O que é a escola para o aluno? Por que escolhi ser professor? Questionamentos que estão presentes nas mentes dos professores, pedagogos e educadores quando escolhem sua profissão e sua carreira, na sublime arte de educar. Uma escola deve ajudar a constituir um sujeito:

Para ser válida, a educação precisa ajudar o homem a partir de tudo o que constitui sua vida, para que se torne sujeito. Em outras palavras, a educação só é válida se conseguir estabelecer uma relação dialética com o contexto social no qual o homem está enraizado (FREIRE, 2016, p.67).

A escola é um espaço importante da infância de todas as crianças, a partir do momento em que sua criatividade desperta na busca pelo conhecimento, o aprendizado passa a ser o principal objetivo. Significa ir além do finito, representado

pelo universo familiar. Anualmente, em todo o Brasil, as famílias se preparam e a criança ansiosa, conta os dias para o início de sua caminhada escolar.

A escola tem que saber da sua responsabilidade de propulsar sonhos ou causar frustrações. Nesse sentido, saber mediar conflitos torna-se um aspecto que alavanca o sucesso dentro do estabelecimento de ensino.

O Professor Humberto Maturana nos mostra, na obra  *Emoções e linguagem na educação e na política*, qual o servir da educação, indo além do servir, para o que se quer a educação. Uma reflexão que nos faz pensar no que a educação está nos dando, onde vai nos levar e de que forma:

PARA QUE SERVE A EDUCAÇÃO? Quero começar com o “para quê”, por uma razão muito simples. Se perguntamos: A educação atual serve ao Chile e à sua juventude? Estamos formulando a pergunta a partir do pressuposto de que todos entendemos o que ela requer. Mas será que isto acontece? O conceito de servir é um conceito relacional: algo serve para algo em relação a um desejo. Nada serve em si mesmo. No fundo, a pergunta é: O que queremos da educação? (2002, p.11).

A escolha de ser verdadeiramente professor é algo intrínseco na pessoa que se dispõe a esse objetivo, não acontece por falta de opção. Ser professor vem de um sentir, amar e dedicar o saber na forma de ensinar. O professor, além de um educador, é um multiplicador do conhecimento, que movimenta a força motriz do aprendizado. Se encontra com o receptor puro e transparente, ávido por esse conhecimento. É a biologia do ser que se movimenta no sentido da evolução do indivíduo na sua essência.

No ambiente escolar, há o preparo e a condição para o desenvolvimento do aluno na forma do aprendizado. Há séculos, as formas e normas existem e vêm sendo atualizadas de acordo com a evolução da humanidade, onde o objetivo é o conhecimento. O aluno que recebe o conhecimento, e embora nem sempre absorva, retorna com sua avaliação, buscando uma aprovação ou reprovação cognitiva. Os métodos, são teoricamente organizados, o professor ensina, o aluno aprende é avaliado, o que seria simples e objetivo. Há uma distância entre o início e a conclusão do ciclo educacional previsto na sociedade contemporânea. A escola tem sua responsabilidade, a educação faz parte do que ocorre nas relações sociais no ambiente educacional. Humberto Maturana (2005), nos ensina que o ambiente

educacional deve ser amoroso e não competitivo, ambiente no qual se corrige o fazer e não o ser da pessoa. Pertencemos ao momento presente da história amorosa do saber e do conhecimento, não de agressão ou de competição. Paulo Freire, no texto a seguir, traz a interpretação e o ensino de que não podemos nos desviar da ética em nossa responsabilidade educacional e social em nosso mundo.

[...] mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um "não-eu", se reconhece como "si própria". Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade (1996, p. 9).

O mundo está em permanente evolução e a educação faz parte desse mundo. Logo, a amorosidade e o acolhimento do outro devem estar presentes na organização de um aprender e ensinar através do amor, da naturalidade do ser, sentir e viver, realizada na amorosidade do acolher e escutar o outro.

Isso faz parte da ética em nossa responsabilidade como um todo. Assim acontece em sintonia no bem-estar e na saúde de todos. A ação do aprender e do ensinar, que valida a presença do outro é a mesma legitimadora de nossa presença. Fazendo uma sinergia na biologia do ser consigo e com o outro no mesmo tempo e espaço do ambiente educacional.

O sistema é perfeito, quando descrito nas normas legais de educação, com o objetivo de formar o ser humano em evolução. Essa formação é de um indivíduo humano e necessita de atenção, de um cuidado na formação e na capacitação desse ser.

O professor se prepara para a missão da melhor forma possível, com o conhecimento que adquiriu em sua formação e traz consigo sua vontade pessoal e amorosidade na escolha da profissão. O aluno vem de seu meio com a expectativa de um mundo novo, traz na sua biologia a condição de aprender, receptivo a tudo o que encontrar. A biologia humana tem essa condição e se adapta as novas possibilidades, potencializando o aprendizado.

As origens de cada aluno são as mais diversas, e trazem em sua bagagem pessoal, desde o nascimento, as realidades sociais de cada família, concentrando em uma sala de aula, em uma escola, essas vivências distintas (FREIRE, 1983). Passa a ser apresentada uma complexidade a ser tratada, numa condição de gestão

pedagógica onde aprender é o principal objetivo, ou deveria ser. As possibilidades são infinitas, há uma lógica que sustenta essa ideia, está posta no projeto educacional, o que é sempre previsível.

Exemplificamos com o que nos ensinam Barcelos e Maders no livro: *Humberto Maturana e a Educação: educar no amor e na liberdade*, os momentos da formação do ser humano:

- Qual é o primeiro grupo social organizado com o qual todo ser humano estabelece suas primeiras relações de conversação quando chega a esse mundo? Respondemos: a família...
- Qual é o segundo grupo social que a criança conhece tão logo começa o processo educativo dito escolar? Respondemos: a escola ou outros espaços educativos "formais" onde se iniciará sua aprendizagem dita acadêmica, escolar, onde irá participar da educação infantil. (2016. p. 79 e 80).

O convívio de cada personagem não está definido nesse capítulo evolutivo. O professor com sua condição de ensinar e os alunos receptivos no aprender. O aluno e o professor fazem parte do contexto universal de cidadania, que evolui a cada momento. Em forma simples do conceito, há uma compreensão mais abrangente da cidadania, sob a influência do desenvolvimento dos direitos do cidadão, direitos civis, políticos e sociais.

A Organização das Nações Unidas (ONU) e os diversos órgãos relacionados, buscam a educação para cidadania global, que fortalece o sentimento de pertencimento de uma comunidade mais ampla e uma humanidade comum. Há cerca de 70 anos foi promulgada a Declaração Internacional dos Direitos Humanos pela ONU. O documento histórico foi traduzido ao mundo para divulgar e popularizar suas leis a fim de proteger os mais oprimidos. Pela primeira vez uma norma comum a todos os povos e nações passou a defender, entre outros artigos (no total de 30), o direito ao trabalho, à liberdade, à expressão, à educação e, principalmente, o direito à vida. Esses direitos independem de etnia, nacionalidade, credo, religião ou classe social.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), assim define esses direitos:

Os direitos humanos são direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição. Os direitos humanos incluem o direito à vida e à liberdade, à liberdade de opinião e de expressão, o direito ao trabalho e à educação, entre e muitos outros. Todos merecem estes direitos, sem discriminação.

O Direito Internacional dos Direitos Humanos estabelece as obrigações dos governos de agirem de determinadas maneiras ou de se absterem de certos atos, a fim de promover e proteger os direitos humanos e as liberdades de grupos ou indivíduos. (DUDH, 2016)<sup>8</sup>

Para uma sociedade cumprir o que se define por Direitos Humanos, há a necessidade do alcance de características importantes para a cidadania.

Algumas das características mais importantes dos direitos humanos são:

- Os direitos humanos são fundados sobre o respeito pela dignidade e o valor de cada pessoa;
- Os direitos humanos são universais, o que quer dizer que são aplicados de forma igual e sem discriminação a todas as pessoas;
- Os direitos humanos são inalienáveis, e ninguém pode ser privado de seus direitos humanos; eles podem ser limitados em situações específicas. Por exemplo, o direito à liberdade pode ser restringido se uma pessoa é considerada culpada de um crime diante de um tribunal e com o devido processo legal;
- Os direitos humanos são indivisíveis, inter-relacionados e interdependentes, já que é insuficiente respeitar alguns direitos humanos e outros não. Na prática, a violação de um direito vai afetar o respeito por muitos outros;
- Todos os direitos humanos devem, portanto, ser vistos como de igual importância, sendo igualmente essencial respeitar a dignidade e o valor de cada pessoa. (DUDH, 2016, op. Cit.)

Anos mais tarde, após a promulgação pela ONU, houve também muitos pactos e convenções internacionais para o fortalecimento dos direitos humanos. Assim, surgiu também a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), com sede na Costa Rica, da qual o Brasil faz parte. Mesmo com todos esses mecanismos, tratados e obrigações, muitos países ainda esmagam esses direitos da pessoa humana. Aqui no Brasil, por exemplo, a todo momento se assiste a brutais violações e conflitos.

Há uma interdependência e uma interconexão nas questões: política, econômica, social e cultural. Essa relação acontece desde o macro ao micro, ou seja, do global, nacional, regional e local. Isso nos leva a uma dimensão cognitiva, socioemocional e comportamental, da Educação para a Cidadania Global em conceitos básicos do ensino. Há que se ultrapassar os limites do físico. O método é necessário para ter um balizamento, uma orientação pedagógica no conteúdo, porém, na realidade do ensino hoje, necessita uma dimensão além do que se aplica.

---

<sup>8</sup> Disponível no site da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), disponível em: <<http://www.dudh.org.br/definicao/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

No sistema educacional atual, tanto professor como aluno, cada um na sua posição original, está teoricamente pronto. O professor detém o conhecimento teórico a ser transmitido, o aluno, aparelho receptor desse conhecimento. No método está tudo certo, perfeito para ser iniciado o processo de ensino e aprendizagem, o que tem início de forma técnica. Essa é a rotina do ensino atual. Porém, existe uma dualidade de protagonistas, que se encontram para a simbiose do conhecimento em uma nova experiência. Esse é o momento que as falas se apresentam, o conhecimento primeiro do ser, o professor é único diante de várias realidades diferentes, o aluno está diante do professor e de outras tantas realidades que a sala de aula comporta. Iniciam-se as conversações e as apresentações, de modo que os véus do local vão se descortinando. Cada escola, localizada em cada região de uma determinada localidade, apresenta realidades diferentes.

Essa reflexão é para que nosso olhar se encontre com o que realmente acontece, sobre a realidade nas diversas realidades que a sociedade atual nos apresenta. A escola hoje é a referência de formar o cidadão? A escola tem o objetivo de transmitir o conhecimento didático, científico e programático, possibilitando ao indivíduo avançar na sua condição de aluno. O que se espera é que de posse desses conhecimentos, os coloque em prática, não só no meio profissional que escolher, mas principalmente na sua condição humana, possibilitando fazer escolhas e viver com liberdade, com respeito e dignidade.

No ensino atual são diversas as teorias dos processos de aprendizagem. A questão é que todo o processo de aprendizagem é para o humano, sendo parte da evolução do indivíduo. Para Barcelos, em sua interpretação de Maturana, **COGNIÇÃO, CIÊNCIA E VIDA COTIDIANA**: “Na medida em que o humano se iniciou com a conservação, geração após geração, do viver na linguagem como a característica relacional básica que definiu nossa linhagem, o que realmente começou foi a conservação transgeracional do viver em conversações” (p. 179 e 180). Barcelos nos mostra que o processo educacional é relacional e está interligado com a linguagem. Sempre existirá a relação humana entre os indivíduos. O movimento é cíclico e recíproco na biologia do ser humano, entre aprender e conhecer, o aprendido é recíproco e constante.

Há uma preocupação quando o tema é educação, pois a escola ainda possui muito fracasso escolar. Entendo que a pedagogia tradicional algumas vezes renega o próprio indivíduo, seja o aluno, o professor ou o membro da comunidade

escolar. O método pedagógico institui uma disputa pelo conceito do aluno, o que gera conflito, uma forma de violência não vista, mas sentida no emocional de cada um dos envolvidos e leva a um limite na capacidade emocional em formação, que de forma tênue, pode conduzir a uma condição física no conflito.

Na interpretação e leituras sobre a obra dos professores Humberto Maturana e Valdo Barcelos identificamos personagens principais no cenário educacional. O professor representa a educação em sala de aula, diante do aluno. E, embora muitos ainda não se reconheçam, o professor é um mediador natural dos conflitos educacionais. O professor recebe o aluno oriundo de sua cultura familiar, de seu mundo social, nas diversas posições sociais e identifica as principais causas do fracasso social.

O aluno traz consigo essa bagagem para a escola, para a sala de aula. A principal função do professor é dialogar com o conhecimento, agregando, também, a função de construtor social diante das realidades que se depara. O fracasso escolar e o abandono social estão interligados na constituição de nossa sociedade. O despreparo que os indivíduos deixam o ambiente escolar é a comprovação disso. Humberto Maturana nos diz que temos que trabalhar a educação na ética de cuidar e ensinar. Evoluir sempre, uma constante para a transformação da humanidade, sendo mais justa e fraterna, por meio da amorosidade mútua.

O objetivo principal é que todos entendam a relação professor-aluno, pois ambos são parte nesse sistema. Na estrutura educacional atual cada um espera do outro de forma receptiva, que absorva o conhecimento transmitido e que receba o conhecimento a ser transmitido. A intenção de cada um é um caminho na busca de construção, de (co)criação, incentivo e evolução; o professor tem o dom e a capacidade de apresentar o conhecimento, contribuindo com a evolução do indivíduo. O aluno se transforma à medida que chega na escola, insere-se no novo grupo social, começa o aprendizado e aplica em si mesmo. Ele chega com esperanças e expectativas de um mundo melhor, de um mundo diferente do qual ele está acostumado a viver.

As vivências e fatos nos mostram que tudo é possível na vontade e no querer de cada um. A capacidade e a condição de realizar um objetivo está no indivíduo, na forma que trata a questão. Para prosseguir nosso entendimento sobre a relação professor e aluno, a colocação de Maturana e Varela:

É possível explicar a grande dificuldade de poder atingir um desenvolvimento social harmônico e estável (aqui e em qualquer parte do mundo) através do vazio de conhecimentos do ser humano sobre a sua própria natureza? Noutras palavras, será possível que nossa grande eficácia para viver nos mais diversos ambientes se veja eclipsada e por fim anulada diante de nossa incapacidade para conviver com os outros? Será possível que a humanidade, tendo conquistado todos os ambientes da Terra (inclusive o espaço extraterrestre), possa estar chegando ao fim, enquanto nossa civilização se vê diante do risco real de extinção, só porque o ser humano ainda não conseguiu conquistar a si mesmo, compreender sua natureza e agir a partir desse entendimento? (1995, p.10).

Complemento que tanto o professor quanto o aluno possuem a melhor intenção. O sistema escolar é completo na estrutura organizacional da educação, das normas, cronograma e planejamento pedagógico. Há uma grande evolução nesse sentido por parte da pedagogia escolar e administração escolar, em sua forma estrutural. A relação social e o convívio entre o professor e o aluno são o mais importante. No sentido de criar formas lúdicas e didáticas para o aprendizado, há dedicação e empenho pelos docentes. Tudo isso está muito bem colocado, bem postado e apresentado; e, por fim desenvolvido pelos professores, há a aplicação da melhor forma possível, ou seja, o docente tem de cumprir os objetivos previstos nas normas de ensino.

Independentemente do nível da educação, a diferença de tudo isso é que, tanto o aluno quanto o professor são humanos, são seres humanos e existe uma biologia individual nessa relação. Com base na experiência docente que existe o sensível, pois em uma sala de aula onde existem entre 20 e 30 alunos, com realidades diferentes, com situações peculiares, há a necessidade de uma sensibilidade para compreender alguns comportamentos conflitivos. Há, na educação escolar, a necessidade de humanização, de “mais sentir”, do que priorizar simplesmente o programa, a matéria, o conteúdo ou a avaliação. Há uma necessidade de voltar ao humano, à essência do ser.

A humanização no tratamento entre escola, professor e aluno torna-se necessária e urgente, pois o professor e aluno são a alma da educação. Não pode haver distinção humana entre docente e discente, visto que eles estão juntos na mesma forma do ser educacional. É onde acontece a simbiose do ensinar, do aprender e do dialogar com o conhecimento. A transformação do ser humano, sendo a escola a estrutura motora, o físico da relação, embora haja uma composição humana na sua direção, na sua coordenação. A formação de um elo direto e objetivo entre o professor e o aluno.

A escola como instituição, ente estrutural, espera os resultados que o professor e o aluno venham a produzir através de aprovações, desempenho e repasse de conteúdo. Isso é fundamental, é necessário, faz parte do ensino e da educação, e sua manutenção depende dos resultados, das questões técnicas. E não daquilo que realmente está acontecendo dentro da sala de aula.

O conjunto de todas essas diferenças forma a turma, o grupo, e a partir dessa concepção que será desenvolvido o trabalho, ou pelo menos deveria ser desenvolvido o trabalho. É necessário reorganizar, deixar de priorizar simplesmente a matéria, o conteúdo e a avaliação. Tem que se voltar a necessidade do humano, isso faz parte da biologia do ser, faz parte daquilo que permanece carente no ensino e do próprio ser humano. Humanizar no anseio de liberdade e de justiça:

Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada (FREIRE, 1979, p.19).

É o momento então de se reavaliar, alterar ou acrescentar técnicas e métodos diferentes, de forma que venham a produzir resultados diferentes. Já referimos a necessidade da humanização no tratamento entre escola, professor e aluno. Logo reconhecemos que o ser humano é parte da escola e sua estrutura, há uma composição humana na sua direção, sua coordenação, mas algumas vezes falta o elo direto de humanização, o que é compreensível, especialmente na estrutura escolar que temos hoje, onde os entes diretivos têm várias outras preocupações e contextos que precisam de grande atenção.

Ilustramos, por exemplo, o que paira em nosso entendimento com o início de um artigo do Prof. Humberto Maturana sobre Biología del fenómeno social em seu artigo: *Biologie der Socialität*, que foi publicado em uma separação da Revista *Delfín*, setembro de 1985, Siegen, Stuttgart. A versão espanhola corresponde à publicada por *Los Talleres de Investigación en Desarrollo Humano* (TIDEH) MATURANA (1985):

Los seres humanos somos seres sociales: vivimos nuestro ser cotidiano en continua imbricación con el ser de otros. Esto, en general, lo admitimos sin

reservas. Al mismo tiempo los seres humanos somos individuos: vivimos nuestro ser cotidiano como un continuo devenir de experiencias individuales intransferibles. Esto lo admitimos como algo ineludible. Ser social y ser individual parecen condiciones contradictorias de existencia. De hecho, una buena parte de la historia política, económica y cultural de la humanidad, particularmente durante los últimos doscientos años, en Occidente, tiene que ver con este dilema. Así, distintas teorías políticas y económicas, fundadas en distintas ideologías de lo humano, enfatizan un aspecto u otro de esta dualidad, ya sea reclamando una subordinación de los intereses individuales a los intereses sociales, o al revés, enajenando al ser humano de la unidad de su experiencia cotidiana. Más aún, cada una de las ideologías en que se fundan estas teorías políticas y económicas, constituyen una visión de los fenómenos sociales e individuales que pretende afirmarse en una descripción verdadera de la naturaleza biológica, psicológica o espiritual, de lo humano.

Atualmente, a atenção principal recais sobre os resultados que o professor e o aluno venham a produzir através de aprovações de desempenho e repasse de conteúdo, baseado em currículos.

Já referenciamos aquilo que realmente está acontecendo dentro e fora da sala de aula, no ambiente escolar, onde o aluno tem que se relacionar, pois esse aluno vindo meio social, vem de uma comunidade e ele retorna para essa comunidade diferente da forma que saiu.

A escola é responsável pela educação regular, por meio da relação direta com o educar, como educar e o que vai ser relacionado com a formação social, humana e emocional do indivíduo. Para que a boa formação educacional aconteça, é necessária uma reavaliação constante da comunicação didática e colaborativa entre escola e professor; e entre professor e aluno. A principal reformulação na relação educacional e de ensino, é a de um acréscimo na relação interpessoal, sendo questão subjetiva no desenvolvimento do ensino, do sentir, se reconhecer no outro. Na formação de uma relação pacífica, emocional e sentimental, com amorosidade, há uma necessidade de distinguir a condição humana de ser, tanto do professor, quanto do aluno.

A autonomia faz parte do ser humanizado, mas também é dependente de condições biológicas, culturais e sociais (FREIRE, 1983). O meio externo subsidia a autonomia de cada ser humano. Na vivência como parte de uma sociedade e de uma cultura, seja individual ou comum, e ainda, de uma educação, dependemos desse conjunto de questões, e ainda assim, temos a capacidade de escolhas e da tomada de decisões, formando um sistema natural e complexo.

O escritor Arroyo (2000) diz que o jovem gosta de criar seu território. Em toda a parte, ele quer deixar a marca de sua presença e, às vezes, isso não acontece da melhor maneira. Diante dessas constatações, a escola precisa criar estrutura para que esse jovem se sinta em seu território e, com isso, tenha todo o conforto e tranquilidade para aprender, sempre respeitando o espaço do outro.

Diante de tantos problemas sociais envolvendo a juventude, entendemos que um dos passos mais importantes nesse mecanismo educacional possa ser dado pelo docente. Ele precisa perceber essa realidade que envolve esses "invisíveis" e notar em seus alunos a sua possível vulnerabilidade social que pode acabar levando-o ao fracasso nos estudos e, por óbvio, no abandono da escola, bem como, da vida social. Isso também faz parte de uma mediação – mediar a necessidade de fazer aparecer os "invisíveis".

Maturana (2011) fala, por exemplo, sobre democracia, essencial a qualquer estudante para que ele possa compreender sua natureza e sua convivência perante os demais. Maturana explica que origem da democracia remonta à antiga Grécia, sendo um aspecto de nosso emocional infantil matrístico (uma coexistência neomatrística), que toma forma no desejo de viver em um meio de respeito mútuo, sem a luta nem o esforço pela dominação do outro. A democracia, então, seria uma "uma cunha que abriu uma fenda em nossa cultura patriarcal. Por meio dessa abertura pôde emergir novamente, em nossa vida adulta, o emocional infantil matrístico que estava oculto" (MATURANA, 2011, p.90).

Esse viver democrático, para Maturana (2011), não visa a resolução de conflitos de interesse, traz é a constituição do Estado democrático como um projeto comum, pois a democracia não é uma solução. Ela é um ato poético, que define um ponto de partida para uma vida adulta neomatrística, um sistema de convivência social alicerçado pelo respeito recíproco e pela cooperação, uma legítima obra de arte, senão vejamos:

A democracia não é um produto da razão humana: é uma obra de arte, uma produção de nosso emocional. É uma forma diferente de viver segundo o desejo neomatrístico de uma convivência humana dignificada na estética do respeito recíproco. O que dificulta o viver democrático, no meio de uma cultura patriarcal que a nega continuamente, é que as pessoas que querem viver a democracia são patriarcais por origem (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2011, p.25).

Desde os primórdios da existência humana na terra, o aprender e ensinar fazem parte de sua evolução. Contudo, entre o *aprender* e o *ensinar* sempre existirá o *mediar*.

### 3.4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES E AS NOVAS IMAGENS DOCENTES

O trabalho do(a) professor(a) pode e deve ser revisado, numa constante reflexão, para que se tenha a possibilidade de construir ou aperfeiçoar o caminho. Concorda-se com o aforismo de que “o caminho se faz caminhando” (MACHADO, 2003) ou com a famosa frase do poeta amazonense Thiago de Mello “não tenho um caminho novo. O que eu tenho é um jeito novo de caminhar” (apud BARCELOS, 2009).

Um educador, na contemporaneidade, tem a necessidade de construir um conhecimento diversificado, heterogêneo, em variadas áreas, pois não existe educação somente na abstração (BARCELOS, 2009). A educação existe na prática. Para Maturana é necessário interpretar o conhecimento de forma afetiva, na prática:

Quando digo que há conhecimento? Muitos de vocês são professores e estão na tarefa de dizer se as crianças, os jovens, ou os adultos — dependendo do espaço no qual vocês são professores — sabem ou não sabem, conhecem ou não conhecem. O que é que se faz? O que é que faço como professor para dizer: "Este jovem conhece esta matéria o suficiente para passar de ano"? Olho sua conduta em um espaço que especifico com uma pergunta e, se a considero adequada nesse espaço, digo: "Sabe." Resulta disso que o conhecimento é a apreciação do outro sobre a conduta de alguém, quando a considera adequada ou não, se vocês consideram que todo o meu discurso foi adequado com relação ao que vocês aceitam, irão dizer: "Ah, Maturana sabe tantas coisas! Que interessante tudo o que ele sabe!" Mas se vocês não consideram meu discurso adequado, vão dizer: "Ignorante!" (MATURANA, 2001, p. 122).

Da mesma forma, como nos explica Barcelos (2009), a interação e o diálogo dentro da sala de aula não devem flutuar pelo genérico, pelo superficial, pois não existe professor de generalidades, pois quem é professor(a) é sempre professor(a) de alguma coisa, ensina e aprende alguma coisa (BARCELOS, 2005, p.79). Nesse sentido, saber realizar a mediação de conflitos torna-se necessário, para que o docente – de forma sensibilizada – possa levar o seu grupo de educandos ao ambiente de educação.

Barcelos (2009) esclarece: “Em geral, começo meus cursos de formação de professores e professoras com dois aforismos: 1) Não existe professor ou professora

na abstração; 2) Quem é professor(a) ensina/aprende alguma coisa, com alguém, e em algum lugar”.

Parece-me muito oportuno terminar nossa conversa com esta pergunta. Eu não falei do conhecimento, ainda que tenha feito uma teoria do conhecimento. O que é conhecer? A partir do caminho explicativo da objetividade sem parênteses, conhecer é fazer referência a uma realidade independente do observador. Quando digo que sei algo, que conheço algo, estou dizendo: posso fazer afirmações sobre algo que é independente de mim. Na objetividade entre parênteses, o conhecimento tem outro caráter, porque presto atenção às condições de distinção (MATURANA, 2001, p.122).

Maturana (2009b), ainda apresenta que habitualmente pensamos no ser humano como um indivíduo **racional**. Repetindo, o que distingue o humano dos outros animais é que ele é um ser racional. A visão que temos da *razão*, na atualidade, deixa o homem cego.

Para Maturana, a cultura ocidental desvaloriza as **emoções**, tornando-nos quase “ignorantes” nas relações interpessoais. Quando mudamos a emoção, alteramos o domínio de nossa ação e, por consequência, os resultados são modificados. Para compreendermos melhor, basta explicar que o nosso raciocínio lógico diminui, por exemplo, quando estamos com raiva ou medo. Todos os animais possuem as emoções, expressadas pelo sentimento. Pode-se afirmar, ainda, que todo sistema racional se baseia em premissas fundamentais aceitas a partir de preferências; ou seja, a *razão* não é transcendental, ela surge da emoção humana. (MATURANA, 2009b). Defendemos que dentre as emoções humanas uma em especial nos constitui: a emoção do amar.

Para mediar conflitos, o ambiente de formação de professores deverá saber que também é palco de conflitos, ou seja, não se torna um ambiente alheio às emoções e aos sentimentos humanos.

A educação é um instituto constituído de forma reflexiva, que traz consigo elementos subjetivos. Ensinar de forma presencial é uma condição ímpar, pois o professor está junto ao aluno, e sente sua necessidade no aprendizado. Os alunos, o sentir do professor e ainda todos os sentimentos inerentes as relações humanas nos auxiliam nesse momento, buscando o melhor para as partes envolvidas.

A importância desta Dissertação gira na necessidade de que o(a) professor(a) deve ter em mente que os alunos aprendem (transformam-se) em coerência com o seu emocionar, seja em coincidência ou em oposição ao docente

(MATURANA; REZEPKA, 2008). Nós, docentes, devemos “mediar” as emoções e as razões, quase que diariamente.

#### 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar. (Nelson Mandela)

Este capítulo foi construído no decorrer da pesquisa, tendo a finalidade de interpretar as informações geradas a partir do *corpus*, com o objetivo de provocar discussões e de fornecer subsídios para a reflexão sobre a dissertação, uma pesquisa científica colaborativa para a formação de professores(as).

Em "Pedagogia do Oprimido", uma das obras mais importantes de Paulo Freire, o educador nos mostra que a **violência** provém da superioridade que muitos têm ou acreditam ter sobre o mais fraco. Isso acontece porque o homem sabe pouco de si, ou seja, o homem, segundo Paulo Freire, é este ser histórico e inacabado, um ser que questiona sobre a realidade, se pergunta coisas e obtém respostas que levam a outras perguntas (FREIRE, 1970).

Freire (1970) explica que o sujeito homem tenta saber em que mundo vive e para onde vai, o que prova sua imperfeição e a necessidade de estar sempre buscando algo que o complete. O sábio mestre diz que o humano faz um "movimento de busca", age sobre a natureza para garantir sua subsistência. Neste cenário, ele está sempre competindo e, por vezes, fazendo uso da "opressividade" sobre o seu semelhante para chegar a seu intento, gerando violência e desigualdade social.

Mas os novos tempos da educação transitam por outros caminhos. "Adaptar-se" foi o tema dos anos 2019, 2020 e no atual 2021. Novas realidades, esse o tema principal de nossa humanidade com o inimigo invisível, desconhecido. Respirar, tocar, abraçar, conviver e viver, o que fazer?

Como é de conhecimento público e notório, o Brasil e o mundo atravessam uma contundente crise econômica, social e de saúde, causada pela pandemia da doença denominada Covid-19. A pandemia global da doença é fato mundialmente conhecido e de extrema notoriedade, tendo o novo coronavírus, Sars-Cov-2, disseminado em diversos países de todos os continentes, com exceção apenas da Antártida, que ainda assim sofre os impactos da crise mundial.

As necessárias regras de distanciamento físico, fundamentais para a contenção da pandemia e a salvaguarda do maior número de vidas possível, geraram um vastíssimo impacto na economia mundial e na circulação de capital no mercado em geral, de forma a impactar desde as maiores empresas até os menores empresários, estes incertos do próprio sustento e de suas famílias.

Esta crise altera a dinâmica da sociedade e o funcionamento do mercado, do comércio e de toda a estrutura pública, que passa a ter maior foco nos serviços essenciais como saúde, educação e segurança, eis que a situação econômica reduz à grande maioria as alternativas de investimentos ou gastos não essenciais, cerceando a liberdade de ir e vir, de agir e reagir.

Todas as pessoas sofrem severamente os impactos da crise, no entanto, tendo ainda de fazer frente às atividades profissionais, casa e família, além de todos os demais compromissos mensais, sem falar no próprio sustento e de sua família. Além disso, o cuidado com o emocional, sentimental e social, se faz necessário, quase como sendo fundamental a própria sobrevivência humana. O sustento da própria família tendo sofrido a completa cessação de seu faturamento, causada pelo caso fortuito da pandemia mundial do novo coronavírus, foi alterada toda a mecânica da vivência em sociedade, em família, aprisionando o ser humano dentro de sua própria casa. Sem escolas, sem comércio e sem contato físico, as pessoas precisaram se reinventar no convívio humano.

Dentre as discussões a respeito dos efeitos da pandemia nos contratos em geral, sejam comerciais, de trabalho, de prestação de serviços, tudo foi alterado, a crise econômica e social gerada pela pandemia global da Covid-19 é fator *sine qua non* a ser considerado quando da falta de *mediação escolar* ou da judicialização de questões sociais, humanas e contratuais, especialmente por aqueles que tiveram sofrido a maior repercussão financeira em decorrência da quarentena total ou parcial, o que inevitavelmente gera reflexos na vida cotidiana do indivíduo.

Pessoas preocupadas com suas atividades, seus empregos, outras com sua saúde e segurança, alterações de humor, de pavor e até pânico social foi gerado. Entre essas pessoas, estão os alunos e professores, não diferentes dos demais, são seres humanos que em determinado momento, por decisão desse ou aquele governante, que por um “bem social”, entenderam que deveriam ser retomadas as atividades escolares e acadêmicas. Porém, as condições sociais e estruturais fossem favoráveis, e não estou a dizer que deveríamos deixar passar o ano, ou as

atividades de ensino, mas sim que fossem proporcionadas condições reais e verdadeiras de um ensino em outro formato que não o presencial.

Os serviços essenciais permaneceram em funcionamento e, passados os primeiros momentos ou meses, outras atividades foram sendo retomadas, dentre as quais o ensino.

A **mediação de conflitos**, por intermédio de ações do professor, e de todos os profissionais envolvidos com a educação não cessou, e pelas informações públicas e de conhecimento, aumentou-se a necessidade de utilização de conhecimentos técnicos de apaziguamento, pois passaram a realizar atividades diversas das que eram usuais, para atingir o objetivo de ensinar remotamente as matérias e colocar em práticas os planejamentos pedagógicos já definidos.

A atividade foi e está sendo desenvolvida: os professores se dedicaram no que estava ao seu alcance, com uma sobrecarga de trabalho além do previsto, pois, estando em sua residência, exerciam suas atividades familiares, de forma peculiar a cada família e ainda desempenham sua atividade profissional.

Dialogar sobre a violência com os(as) professores(as) tendo como base o pesquisado, ou seja, a mediação de conflitos, serve para mudar o imaginário e diminuir a banalização das ações agressivas, melhorando o convívio social. Os docentes são fundamentais para a quebra do ciclo de violência, sendo que ao ter uma melhor conscientização dos fatos, eles poderão atuar com maior efetividade para a amenização do problema.

Ao sentir a situação desses jovens mais vulneráveis, verificando de forma mais amigável suas vivências, seus sentimentos e carências, os docentes poderão potencializar seu preparo, tendo um excelente respaldo para uma educação mais aprimorada e ajustada à realidade de sua região, com uma melhor formação para a cidadania.

Para Freire (1970), como descrito anteriormente, o homem inconcluso vive diante de duas possibilidades: a humanização e a desumanização. Porém, é preciso deixar claro que, para Freire, a vocação do homem é tender para a humanização, e **não o contrário**. O grande problema é que essa humanização algumas vezes é negada em virtude de **conflitos**. Belicosidade.

Como a desumanização ocorre? A realidade é que o homem, geralmente jovem, acaba construindo um caminho de desumanização alicerçado na **violência e**

**injustiça**, numa sociedade conflituosa, pela ação violenta dos opressores sobre os oprimidos.

Maturana (2016) ensinou que qualquer pessoa pode pensar a educação por meio da biologia do amor, já que se trata de algo muito simples. A Biologia do amor contribui para a pacificação de conflitos dentro e fora da sala de aula. Barcelos (2016), ressalta que todo ser humano **é um perito** na biologia do amor, seguindo a lógica de Maturana.

Na educação, para que essa prática obtenha êxito, basta que cada professor(a) aceite a legitimidade de seus alunos como seres válidos no presente, **corrigindo o seu fazer e não o seu ser**. Essa é a base da relação de mediação, por parte de um docente, caso ele deseje atingir o sucesso educativo em sala de aula.

Antes, porém, é necessário frisar novamente que cada educador deverá mediar os conflitos de forma amistosa, para que sua natureza ou motivos que venham a justificar sua conduta. "Basta que tenham uma conduta responsável, livre e sinceramente acolhedora e será entendido" (BARCELOS, 2016, p.109).

No livro *Humberto Maturana e a Educação: educar no amor e na liberdade*, Barcelos e Maders (2016) exemplificam alguns passos para que o professor veja como é possível uma educação por meio da biologia do amor. Julgo que esses passos estão relacionados com a análise dos resultados desta dissertação por serem essenciais para a **mediação de conflitos**. Irei apresentá-los, integrando-os a minha interpretação e à luz da teoria antes pesquisada. Faço isso por tópicos reduzidos, para melhor entendimento, separando em 10 (dez) itens que interessaram para a pesquisa:

1. A conduta dos educadores na mediação de conflitos deve ser de aceitação da criança como **um ser legítimo em sua totalidade**, sempre levando em conta o presente vivido e não como uma etapa ou fase preparativa para a vida adulta. Aquele sentimento de ser dono da criança leva à violência por meio da competição e do prazer pela posse, muitas vezes com o excesso de disciplina familiar.

2. A educação deve se assentar na formação humana e não na técnica, embora se saiba que a formação humana se realiza através da aprendizagem do técnico, é preciso ter em mente que a amorosidade é a melhor técnica de educação pacificadora que minimiza conflitos.

3. O ambiente escolar precisa criar condições que permitam que a criança amplie sua capacidade de ação e da reflexão no “mundo que vive”. O **brincar** e o **acolher** devem ser o foco da educação na infância, pois já se sabe que as crianças brincam pouco e ficam muito tempo sentadas, imitando os adultos. Brincar melhora as relações entre as crianças, dentro da escola.

4. As atividades escolares devem ser acessíveis ao **fazer da criança** e que as incentivem a olhar para esse fazer com liberdade para mudá-lo quando quiserem. A nossa leitura do mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 2006). A personalidade se constrói, portanto, pela interlocução, pela relação verbal entre sujeitos, formando um contexto social e histórico (FREIRE, 1980). Por isso, o contexto social da criança irá moldar um adulto mais conflituoso ou mais cooperativo.

5. Deve se buscar a transformação do viver da criança em coerência com a transformação do viver do docente numa relação de aceitação mútua, pois quem ama sempre acolhe. Um aluno acolhido terá uma menor carga de violência em sua personalidade.

6. Deve-se levar sempre em conta que a criança aprende o que aprende em coerência com o emocionar que vive. Maturana (2011) diz que desde emocionar brota o amor, sentimento este alicerçado pela vivência e pela confiança. A amorosidade deve estar sempre em prioridade e jamais a competição que, em vez de aceitar o outro na sua legitimidade, promove a sua negação.

7. A educação não deve se preocupar em formar crianças para serem úteis para a sociedade. Deve-se buscar o seu crescer integrada à comunidade para, assim, transformar a sociedade. O humano muda o meio e o meio muda o humano, quebrando o ciclo da violência. Paulo Freire (1970) defende que o verdadeiro sujeito se sabe um ser histórico: entende a herança cultural, mas também é ator na mudança social.

8. As crianças e os professores e professoras são o que existe de mais importante. Eles são o fundamental na formação e na capacitação dos seres humanos, pois têm em sua arquitetura do ser tudo o que se faz necessário para sermos humanos na aceitação mútua. Todo ser humano nasce apetrechado para acolher e amar.

9. O espaço educacional de convivência da biologia do amor precisa ser vivido na amorosidade e no encanto do ver, ouvir, sentir, cheirar, tocar e repetir.

Com isso, estamos proporcionando que a criança possa ver, ouvir, sentir cheirar e tocar o que existe no seu espaço ecológico de viver. A criança e seus mestres devem se encontrar numa conduta sem preconceitos e sem exigências além daquelas decorrentes da ação da convivência do espaço escolar amoroso.

10. Deve-se dar prioridade para emoções que ampliem a capacidade de inteligência das crianças, tais como: cooperação, aceitação, solidariedade, acolhimento, respeito mútuo, liberdade, responsabilidade. De outra forma, deve-se dar atenção às emoções que restrinjam a inteligência, tais como a inveja, a competição, a ambição, entre outros (BARCELOS, 2016).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Se quisermos modificar as coisas, devemos primeiro modificar a nós mesmos” (MATURANA, 2011).*

O final desta dissertação pode parecer estar logo ali, todavia, causa-me uma dor abandoná-la, ao citar Darcy Ribeiro (2012) que afirma que nós nunca terminamos de escrever um livro, apenas o abandonamos. Nunca terminamos uma dissertação, apenas a abandonamos.

Acredito que meu trabalho também deva ser “deixado de lado”, embora reste a certeza de que muito ainda haveria de ser dito. Cumpre-me acreditar que este trabalho possa contribuir para professores terem maiores informações sobre mediação de conflitos, amorosidade, interculturalidade.

Muitas respostas certamente foram encontradas no fluir do texto, mas, com certeza, outras tantas dúvidas também surgiram. Como ensina Maturana (apud BARCELOS, 2016), se quisermos modificar as coisas, devemos primeiro modificar a nós mesmos, mudando o nosso jeito de fazer para um fazer melhor, no qual o amor e o viver cooperativo sejam a tônica. Eu não sei se vou conseguir modificar alguma situação, muito menos as pessoas, porém, de uma coisa eu tenho convicção: eu não sou o mesmo homem que iniciou este trabalho. Dentre tantas coisas, aprendi que a minha limitação é enorme e que a educação é o caminho para que – dentro do respeito mútuo – eu possa extrapolar as minhas fronteiras.

Por fim, destaco a necessidade de novas pesquisas e reflexões sobre o assunto em pauta, que promovam um maior aprofundamento sobre a relação da formação de professores e a mediação de conflitos, percebendo que tal iniciativa irá contribuir, não apenas como uma possibilidade de compreensão da atividade educacional, mas como uma ação estruturante que englobará duas áreas de conhecimento que são essenciais para a melhoria do contexto educacional brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel Gonzales. **Ofício de Mestre**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BARCELOS, Valdo. **Formação de Professores para Educação de Jovens e Adultos**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Uma Educação nos Trópicos: contribuições da Antropofagia Cultural Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BARCELOS, Valdo Hermes de Lima. MADERS, Sandra. **Humberto Maturana e a Educação** – Santa Maria, RS: Editora e Gráfica Caxias, 2016.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. 5ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho. **Mediação de conflitos individuais: manual de orientação**. — 2. ed. — Brasília: MTb, SRT, 1997. 55p.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Extranjeros en la Tecnología y en la Cultrua**. Buenos Aires. Ariel, 2009.
- FLEURI, R.M (org). **Educação Intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982. pp. 131-149.
- \_\_\_\_\_. **Conscientização**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Conscientização. Teoria e Prática da Libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- \_\_\_\_\_. **O Livro da Filosofia/ [tradução Douglas Kim]**. – São Paulo, SP: Editora Globo, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 40.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. **Caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GAUTHIER, J. **Sociopoética**: uma pesquisa em Educação. Florianópolis: UFSC, 1998.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2009b.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre o amor. In: MAGRO, C; GRACIANO, M; VAZ, N. (Orgs). A ontologia da realidade. Belo Horizonte. UFMG, 1997.

MATURANA, H.; REZEPKA, S. N. de. **Formação e Capacitação Humana**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A Árvore do Conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. 3ª Ed. São Paulo: Palas Athena, 2003.

MATURANA, H.; VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e Brincar. Fundamentos esquecidos do humano**. 2.ed. São Paulo: Palas Athena, 2011.

MINAYO, M.C. **O desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro. HICITEC-ABRASCO, 1989.

MOORE, Christopher W. **O processo de mediação**: estratégias práticas para a resolução de conflitos. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MORAIS, José Luís Bolzan de. **Mediação e arbitragem**: alternativas à jurisdição. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1999.

MUSZKAT, Malvina Ester. **Guia Prático de mediação de conflitos em famílias e organizações**. São Paulo: Editorial Summus, 2008.

PIRES, Joelza Mesquita Andrade; ANTUNES, Helenise Sangoi (org.). **Escola que Protege - dimensões de um trabalho em rede**. 1ª ed. Porto Alegre: Asterisco 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

TARGA, Maria Inês Corrêa de Cerqueira César. **Mediação em juízo**. São Paulo: LTR. 2004.

VASCONCELOS, Carlos Eduardo de. **Mediação de Conflitos e práticas restaurativas**: modelo, processos, ética e aplicações. São Paulo: Método, 2008.

WARAT, Luís Alberto. **O ofício do mediador**. Florianópolis: Habitus, 2001.

\_\_\_\_\_. Surfando na pororoca. **O Ofício do Mediador**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004 b. V. 3.

ZAPPAROLLI, Célia Regina. **Mediação de conflitos**. Pacificando e prevenindo a violência. A experiência pacificadora da mediação. São Paulo: Summus, 2003.

